



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE ARTES E HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MELISSA FERREIRA RAMOS

**O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
A PARTIR DA DÉCADA DE 1960**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
JANEIRO DE 2014**

MELISSA FERREIRA RAMOS

**O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
A PARTIR DA DÉCADA DE 1960**

Monografia de Graduação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa (UFV – MG),
como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Sociais
Orientador: Fabricio Roberto Costa Oliveira

VIÇOSA – MINAS GERAIS

JANEIRO DE 2014

MELISSA FERREIRA RAMOS

O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA A
PARTIR DA DÉCADA DE 1960

Monografia de Graduação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa (UFV – MG),
como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Sociais

APROVADA: 11 de Fevereiro de 2014

Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira
(orientador)
(UFV)

Prof. Dr. Marcelo Loures dos Santos
(Banca)
(UFV)

Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva
(Banca)
(UFV)

À todas as pessoas
que tremem de indignação
perante as injustiças do mundo...

AGRADECIMENTOS

À todos aqueles e aquelas que fizeram, fazem ou farão parte do Movimento Estudantil Brasileiro e especialmente do Movimento Estudantil da Universidade Federal de Viçosa.

Aos que de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram, contribuem ou contribuirão com o Movimento Estudantil de Viçosa.

Aos professores, estudantes, ex-estudantes e trabalhadores que colaboraram com esse trabalho, especialmente àqueles que forneceram entrevistas para o Projeto Memória do Movimento Estudantil.

Ao povo viçosense por me abrigar em sua cidade durante tanto tempo e em sua maioria serem tão acolhedores.

Às pessoas e especialmente aos lutadores do povo que conheci e convivi durante essa caminhada.

À minha família, companheiros e amigos pelo carinho, amor, apoio e reflexões para vencer as dificuldades e realizar essa conquista.

E por fim, à Natureza e as Forças do Bem que me acompanharam nessa jornada.

“A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá

A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá”

Roda Viva – Chico Buarque

RESUMO

O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA A PARTIR DA DÉCADA DE 1960

Esse estudo tem como tema a análise acerca da organização e das ações do Movimento Estudantil da Universidade Federal de Viçosa no período que abrange as últimas 5 décadas do século XX e início do século XXI (1950 a 2014), através de revisão bibliográfica e pesquisa do material existente no Projeto Memória do Movimento Estudantil. A presente pesquisa visa buscar a compreensão do universo que o movimento se insere, buscando elementos do seu cotidiano, a partir das interpretações dos sujeitos sociais que o compõe. Esse trabalho mostra que o Movimento contribuiu para transformações significativas na realidade social, especialmente na Universidade e na Educação brasileira, tais como a implementação das ações afirmativas, o fortalecimento da democracia universitária, da qualidade de ensino e da assistência estudantil, e o debate e práticas acerca da agroecologia.

Palavras-chave: Movimento Estudantil; Sujeitos Sociais; Transformações Sociais.

RESUMEN

EL PAPEL DEL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL EN LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE VIÇOSA DE LA DÉCADA DE 1960

Este estudio ha cubierto el análisis de la organización y las acciones del movimiento estudiantil de la Universidad Federal de Viçosa, en el período que abarca los últimos 5 décadas del siglo XX y principios del siglo XXI (1950-2014), a través de revisión de la literatura y la investigación material existente en el Proyecto Memoria del Movimiento Estudiantil. Esta investigación tiene como objetivo buscar la comprensión del universo que se inserta el movimiento, en busca de elementos de su vida cotidiana, desde las interpretaciones de los sujetos sociales que lo componen. Este trabajo demuestra que el Movimiento ha contribuido a importantes cambios en la realidad social, especialmente en la Universidad y en la educación brasileña, tales como la puesta en práctica de la acción afirmativa, el fortalecimiento de la democracia universitaria, la calidad de la enseñanza y la asistencia del estudiante, y las prácticas y el debate sobre agroecología.

Palabras clave: Movimiento Estudiantil; Sujetos Sociales; Transformaciones Sociales.

ABSTRACT

THE ROLE OF STUDENT MOVEMENT IN THE FEDERAL UNIVERSITY OF VIÇOSA FROM THE 1960's

This study has covered the analysis of the organization and the actions of the student movement of the Federal University of Viçosa in the period covering the last 5 decades of the twentieth century and early twenty-first century (1950-2014), through literature review and research material existing in the Memory Project Student Movement. This research aims to seek understanding of the universe that the move is inserted, seeking elements of their daily lives, from the interpretations of social subjects that compose it. This work shows that the Movement has contributed to significant changes in social reality, especially in the University and in Brazilian education, such as the implementation of affirmative action, the strengthening of university democracy, the quality of teaching and student assistance, and practices and debate about agroecology.

Keywords: Student Movement; Social Subjects; Social Transformations.

ABREVIATURAS E SIGLAS

- APÊTI - GRUPO APÊTI DE AGROFLORESTA
- ASAV – ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES ADMINISTRATIVOS DA UFV
- ASPUV – SEÇÃO SINDICAL DOS DOCENTES DA UFV
- AUGM – ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES DO GRUPO MONTEVIDÉO
- APG – ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUANDOS
- CA – CENTRO ACADÊMICO
- CBA – CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA
- CCA – CONSELHO DE CENTROS ACADÊMICOS
- CMA – COMISSÃO DE MORADORES DOS ALOJAMENTOS
- CTA-ZM – CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA MINEIRA
- CTEC – CONSELHO TÉCNICO DE EXTENSÃO E CULTURA
- CTG – CONSELHO TÉCNICO DE GRADUAÇÃO
- CONEA - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES DE AGRONOMIA
- CEPE – CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
- CONSU – CONSELHO UNIVERSITÁRIO
- CONUNE – CONGRESSO DA UNE
- CONUEE – CONGRESSO DA UEE
- CUCA – CIRCUITO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE
- CUT - CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES
- DA – DIRETÓRIO ACADÊMICO
- DCE – DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES
- DCS - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
- EFA – ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
- ENGA – ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE AGROECOLOGIA
- ESAV- ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA
- EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
- FEAB – FEDERAÇÃO DE ESTUDANTES DE AGRONOMIA DO BRASIL
- FHC – FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
- FSM – FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
- GAAVE – GRUPO DE AGRICULTURA ALTERNATIVA DE VIÇOSA

GAO – GRUPO DE AGRICULTURA ORGÂNICA
LUVE – ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DA UFV
ME – MOVIMENTO ESTUDANTIL
MS – MOVIMENTO (S) SOCIAL (IS)
MAB – MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS
MMM – MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES
MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
NEAB – NÚCLEO DE ESTUDOS AFROBRASILEIROS
PAD – PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO
PCB – PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO
PCD – PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
PCdoB – PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
PMME – PROJETO MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL
PT – PARTIDO DOS TRABALHADORES
RU – RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO
SAUÍPE – SAÚDE INTEGRAL EM PERMACULTURA
SIA – SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
SIC – SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
SIF – SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÃO FLORESTAL
STR – SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS
UEE – UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES
UFJF – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA
UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UFV – UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
UJS – UNIÃO DA JUVENTUDE SOCIALISTA
UNE – UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES
UREMG – UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Projeto Memória do Movimento Estudantil.....	13
1.2 Análises das Entrevistas do Projeto.....	14
1.3 Preservação do Patrimônio.....	16
1.4 Análises dos Movimentos Sociais.....	18
1.4.1 Movimento Estudantil enquanto Movimento Social.....	19
2 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL LOCAL.....	21
3 CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL LOCAL.....	35
3.1 Vínculos com outros Movimentos Sociais, Parceiros e Opositores.....	35
3.2 Formação Política e Trabalho de Base.....	40
3.3 Entidades Tradicionais e Não Tradicionais.....	43
3.4 Atividades e Formas de Financiamento.....	48
3.5 Recrutamento de Novos Militantes e Disputas Internas.....	52
3.6 Identidade Coletiva e Sede do Movimento.....	54
3.7 Movimento Estudantil e Partido Político.....	57
4 PERCEPÇÕES E REFLEXÕES.....	60
4.1 Desafios.....	65
5 -CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
OUTRAS FONTES.....	76
ANEXOS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Refletindo sobre o contexto atual de mobilizações sociais pelo Brasil e pelo mundo, muitas delas protagonizadas pelas juventudes e pelos estudantes (Singer, 2013 p. 28), perguntamos quais são as contribuições históricas do Movimento Estudantil da Universidade Federal de Viçosa (ME - UFV) ao longo das últimas décadas, para a promoção de mudanças e avanços na sociedade. Esta monografia procura levantar dados que apontem para a possibilidade do Movimento ter participado e contribuído para diversas transformações significativas na realidade social, especialmente na Universidade e na Educação brasileira. Para isso busca pesquisar elementos do seu cotidiano, a partir das interpretações dos sujeitos sociais que o compõe, através do acervo existente do Projeto Memória do Movimento Estudantil (PMME) da UFV.

Compreendemos o Movimento Estudantil enquanto um Movimento Social (MS), utilizando o conceito de Movimentos Sociais sugerido por Gohn:

Os Movimentos Sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e grupos sociais, articulados e criando um campo político de força social (...) essas ações criam uma identidade coletiva para o movimento a partir de interesses em comum, da solidariedade e de valores compartilhados em espaços coletivos não institucionalizados. Propiciam mudanças, transformações e inovações na sociedade, participando da luta política do país (GOHN, 2003, p.13).

Esse conceito nos leva a refletir que o Movimento Estudantil da UFV tem essas características referentes a um movimento social, especialmente quando constroem ações e organizações criando força social e uma identidade coletiva através de interesses compartilhados, participando das lutas política do país e podendo proporcionar mudanças.

A presente pesquisa visa contribuir para uma maior compreensão desse universo que o movimento se insere. Para isso nos propomos a fazer uma análise de como se deram as principais ações do Movimento Estudantil da UFV nas últimas 5 décadas, buscando compreender as especificidades desse Movimento Social, gerando reflexões sobre a relação do ME com o conjunto da Sociedade, verificando ainda o potencial de transformação social do Movimento, bem como seus limites e desafios.

Analizamos documentos, imagens, fotos, entrevistas, sobre os sujeitos sociais e políticos coletivos do movimento, buscando investigar quem são, o que pensam, o que os leva a entrar no movimento, como se organizam, qual a identidade que criam de si mesmos, quais são seus

interesses e valores em comum, seus conflitos internos, de que forma participam da luta política do país, e o que os faz optar por determinada ação para atingir seus objetivos, utilizando para isso especialmente documentos e entrevistas de militantes que fizeram parte do movimento, contidas no acervo do PMME.

Fizemos assim uma coleta e investigação de diversos documentos existentes no acervo do PMME, que consta de um vasto material acerca da Memória Escrita e Oral do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFV da década de 1950 em diante. Dessa forma, analisamos 12 entrevistas de ex e atuais militantes do ME da UFV, bem como fotos e documentos históricos.

Explicaremos mais sobre esse Projeto no próximo tópico ainda nessa Introdução. Nos tópicos seguintes faremos algumas observações e ponderações sobre como se deram as análises das entrevistas realizadas pelo PMME e a ideia de Preservação do Patrimônio, bem como as categorias e teorias que subsidiaram a análise do Movimento Estudantil da UFV, o entendendo enquanto um Movimento Social.

No Capítulo 2 começaremos a fazer a análise e reconhecimento do Movimento Estudantil da UFV a partir do material do PMME, mostrando fatos importantes que marcaram as décadas, buscando a compreensão de alguns dos principais acontecimentos protagonizados pelo Movimento. Inicialmente fizemos uma curta análise acerca das ações do ME desde os primeiros registros que temos da década de 1920, até chegar ao início da década de 1960, visto que temos pouco material a respeito e não é o foco do presente trabalho. Como nossos estudos do ME da UFV são feitos da década de 1960 em diante, nos focamos mais a partir desse período, assim, fizemos uma análise um pouco mais aprofundadas do ME nas décadas de 1960, 1970 e 1980, 1990 e 2000, chegando até os dias atuais.

No Capítulo 3 continuaremos com essas análises, mas através de características e categorias encontradas no Movimento, a saber, o vínculo com outros Movimentos Sociais, aliados, opositores, formação política, trabalho de base, as entidades que constroem, suas ações, organizações, formas de atuação, estratégias, as atividades que organizam, formas de financiamento, como se dá o recrutamento de novos militantes, as disputas internas, a criação de identidade coletiva, a Sede do ME, lições e erros cometidos, a relação com partidos políticos, e alguns desafios encontrados, enfim, buscando elementos que se relacionam com o cotidiano dos sujeitos sociais que compõem essas organizações políticas, aprofundando a compreensão acerca da dinâmica desse Movimento.

Por fim, faremos algumas reflexões e percepções gerais a partir de todas essas análises, para organizar melhor as ideias e os elementos importantes que se destacaram, e algumas considerações finais.

Lembramos que nosso objetivo com essa pesquisa é aprofundar a compreensão de algumas características que marcaram nossa leitura da História do Movimento Estudantil da UFV, e não refletir sobre todos os acontecimentos e ações importantes, visto que abarcam muitos e complexos elementos, sendo impossível em uma pesquisa apenas conseguirmos refletir sobre tudo que se passa no universo do ME.

1.1 Projeto Memória do Movimento Estudantil

O Projeto Memória do Movimento Estudantil da UFV se iniciou em 2010 como um Projeto do Diretório Central dos Estudantes (DCE) em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD), e mais tarde também fez parceria com o Departamento de Ciências Sociais (DCS). Inicialmente tinha a tarefa de organizar o acervo histórico do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Em 2012, através do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária (Procultura), com projeto aprovado no Edital 2011, se teve início um trabalho mais efetivo de organização desse acervo histórico do DCE, através da restauração, conservação, catalogação, digitalização e divulgação dos materiais existentes no acervo e mapeamento das pessoas que participaram do Movimento Estudantil da UFV, com objetivo de recolher materiais e diversas entrevistas. Em 2013 o DCE viu a necessidade de continuidade desse Projeto visto que as tarefas ainda não tinham acabado e muito ainda precisava ser feito. É hoje financiado pela PCD, e eu atuo como bolsista (Bolsa Reuni) desse Projeto desde 2011.

A Sede do PMME se situa no Porão do Centro de Vivências, contendo mais de 100 caixas do histórico escrito do DCE desde a década de 1950 até os dias de hoje (entre ofícios internos da Instituição, atas de Assembleias e Reuniões, cartazes, cartas, documentos, fotos, Banners, etc), além de diversos vídeos de alguns momentos marcantes e das entrevistas orais realizadas pelo Projeto, bem como suas transcrições.

O objetivo atual do Projeto é reunir este patrimônio material e imaterial como acervo histórico para acesso público, destinado principalmente a comunidade escolar e acadêmica da região, otimizado em mostras públicas de painéis, oficinas educativas, exibição de vídeos e edição

de livro, cartilhas e documentário. Assim, também beneficiando estudos e pesquisas no campo da cultura, história, política e educação para a rede educacional escolar e universitária da região de Viçosa.

Dessa forma, já houve também a divulgação do PMME em diversos eventos e congressos estudantis e acadêmicos, como a Comemoração dos 40 anos de reativação do DCE, o Simpósio de Iniciação Acadêmica da UFV (SIA), a Bienal de Arte e Cultura da União Nacional dos Estudantes, o Congresso da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais (Conuee-MG), o Congresso de Extensão da Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM). Além disso, atualmente se está fazendo a digitalização do acervo, e também a elaboração de um livro com o acúmulo das entrevistas orais, fotos e documentos importantes.

Identificamos, portanto, como a ação do projeto está de acordo com a ideia de que memória “é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos, como voz, música, etc” (Von Simon, 2009).

Entendemos que o PMME está associado à importância de preservação e divulgação da memória do Movimento Estudantil enquanto patrimônio cultural e político relacionado à história da UFV e da cidade de Viçosa. A preservação da memória material deste Movimento referente as documentações contidas no acervo do PMME se faz necessário junto à documentação oral de sua história, vivida e contada por aqueles que participaram do Movimento, centrada na história que se preserva, narrada pelas pessoas que vivenciaram essa História.

O Projeto pretende, ao resgatar esse bem histórico do Movimento Estudantil, rico em conteúdos e de significativa importância política, cultural e histórica (ver anexo 01 na página 79) e disponibilizá-lo ao público, resgatar e tornar mais conhecida a História do Movimento Estudantil da UFV, o que se relaciona com a conquista e garantia da democracia, no sentido da garantia de Direitos e da Cidadania, mobilizando ainda as pessoas a refletirem sobre a importância da organização estudantil no que se refere às conquistas na educação e na sociedade, e na Luta por Direitos.

Ainda existem algumas limitações e desafios para o Projeto alcançar seus objetivos, especialmente no que se refere à verba para realizar as propostas, assim como a participação de mais bolsistas e voluntários, visto a quantidade de tarefas necessárias para cumprir as tarefas.

1.2 Análises das Entrevistas do Projeto

Fizemos análises das entrevistas de ex e atuais militantes do ME contidas no Projeto, e percebemos que nos registros escritos é difícil identificar os conflitos existentes por trás das palavras, bem como o contexto e as características do ME da época. Existem ainda vários acontecimentos que não teríamos como encontrar em registros materiais, estando presente apenas nas lembranças das pessoas envolvidas. Sem dúvidas muita coisa já se perdeu, mas é urgente resgatar o que ainda temos, até para entendermos melhor como era o ME no passado. Algumas dessas limitações conseguimos superar com as entrevistas e conversas informais diretamente com as pessoas envolvidas e que vivenciaram as lutas estudantis de cada período histórico. As entrevistas foram feitas a partir de algumas perguntas orientadoras¹, porém, de acordo com a conversa mais perguntas iam surgindo ou sendo modificadas para melhor se adequar aos relatos. Um fator que podemos observar é que foi mais fácil e preciso analisar os vídeos de depoimentos do que as transcrições deles por escrito, por conter mais elementos imagéticos.

Destacamos, portanto, que foi fundamental o registro oral, visto a limitação que se tem dos arquivos escritos, que omitem ou deixam dúvidas em muitas das partes da Memória Estudantil. Em trabalhos em que a História Oral é solicitada como um método, os testemunhos orais são privilegiados, desempenhando um papel central na pesquisa, sendo eles a base das análises (Meihsy & Holanda, 2007, p. 72). Permite assim, segundo Paul Thompson (1992, p. 27) a “abertura de novas áreas importantes de investigação”, existindo a possibilidade de se dar voz a múltiplos e diferentes narradores, tornando-a dessa forma uma prática mais democrática.

Von Simon (2009) nos mostra também que uma pesquisa pioneira no Brasil intitulado “Memória e Sociedade, lembrança de Velhos” de Ecléa Bosi foi precursora dos trabalhos científicos que incorporam como fonte de dados para a pesquisa o ato de lembrar, onde a autora alega que memória não é sonho, mas trabalho.

Também concordamos com Weller, Santos, Silveira, Alves e Kalsing (2002, p. 11) que afirmam que as experiências pessoais não são “meros eventos na vida”, mas estão profundamente enraizadas na história da sociedade da qual fazem parte, sendo a tarefa dos pesquisadores possibilitar um “movimento de integração entre a teoria e empiria”. Desse jeito, acreditamos que ao analisar as entrevistas vamos ter uma maior compreensão dos processos históricos e sociais em que esses indivíduos estavam inseridos.

¹As perguntas iniciais podem ser lidas no anexo 02, na página 80.

Porém, problematizamos também até que ponto as fontes orais podem ser confiáveis, já que são muitas as versões captadas, a partir de diferentes sujeitos sociais, o que nos faz relativizar os posicionamentos. Isso é bom para a democracia, onde vozes antes escondidas são postas em cena, mas sabemos que outras fontes históricas como documentos oficiais, notícias jornalísticas e obras científicas tem que nos acompanhar para dar maior validade ao que encontramos.

1.3 Preservação do Patrimônio

De acordo com Funari e Pelegrini (2009, p. 07-09), desde o início dos tempos existiram povos que se esforçavam para preservar e usar aquilo que considerassem como seu Patrimônio, podendo se tratar tanto de bens materiais como imateriais. Esse conceito já foi bem reduzido, porém foi se ampliando e aperfeiçoando ao longo dos anos. Assim foi surgindo a ideia de Patrimônio que temos hoje, relacionada ao Patrimônio Nacional, de todo um povo, tanto material como imaterial, e mais recentemente foi considerado também o Patrimônio Mundial e Cultural.

Porém, quando se fala em patrimônio oral e escrito o termo se torna muito complexo, pois ambos são parciais e apresentam uma versão da História, já que há múltiplos pontos de vista, interesses e ações no mundo (Funari & Pelegrini, 2009, p. 10). Concordamos com Araújo quando ela fala que “a verdade que o historiador encontra é sempre parcial (...) sobretudo quando ele lida com memória, com depoimentos, testemunhos de vida, lembranças. Estas são sempre múltiplas e dinâmicas (2007, p. 21).

O reconhecimento do Patrimônio Cultural sempre foi consequência de uma disputa na sociedade, e em grande parte do tempo os dominadores estiveram ganhando essa disputa, conforme nos indica Marx & Engels (Dossiê Manifesto Comunista, 1998)² ao dizerem que “as ideias dominantes de uma época foram sempre tão-somente as ideias da classe dominante.”. Mas a partir da Segunda Guerra Mundial o mundo toma maior consciência do absurdo que é renegar um tipo de cultura e sociedade, e nos últimos anos do século 20, a noção de Patrimônio Cultural foi sendo mais pautado pela diversidade, pelo referencial cultural dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações inatingíveis, passando a ser vistos como construções socio-históricas edificadas, incluindo também os bens materiais e imateriais mais populares (Funari e Pelegrini, 2009, p. 21-32).

² Manifesto do Partido Comunista. Estudos Avançados, Dossiê Manifesto Comunista Volume 12, num. 34. São Paulo, 1998.

Na América Latina ainda é recente as Políticas de preservação de Patrimônio, a diversidade é muito grande e os recursos são muito baixos, sendo muito comum encontrar a degradação de Patrimônio e até a não valorização dele por parte da população (Funari & Pelegrini, 2009, p. 29-35).

No Brasil passamos ao longo da nossa História por um processo de invisibilidade do Patrimônio dos povos excluídos, podendo ser consideradas as “memórias subterrâneas”, que são as versões da História de grupos dominados de uma dada sociedade, que só se expressam quando conflitos sociais os chamam ou quando os pesquisadores que utilizam o método biográfico ou oral criam as condições para que elas emerjam e passem a ser registradas e analisadas, conforme explica Von Simon (2009, p. 01 e 02). A memória do Movimento Estudantil de certo modo pode ser considerada subterrânea, na medida em que é marcada por contestações e críticas à ordem vigente na Universidade e na sociedade, e não se encontra no acervo histórico oficial da UFV.

Lopes (2012) faz um trabalho de desinvisibilizar as práticas dos estudantes da UFV, especialmente os que ele considera como “alternativos”, pesquisando sobre a vida cotidiana de estudantes moradores do Bairro Romão os Reis, mostrando que esses sujeitos produzem saberes que tem a ver com a sua rotina e processos criativos subjetivados produzidos no modo como eles constroem sua rede de convívio.

Acreditamos que o Movimento Estudantil tem a capacidade de incidir na realidade, possibilitando às pessoas melhor conhecê-la, para melhor transformá-la (Freire, 1987, p. 14), e assim alguns sujeitos criam maneiras e propostas de superação da situação em que se encontram. Pensar em ações para contribuir e garantir esses avanços passa também pela recriação de significações culturais sobre a realidade, fortalecendo mecanismos que garantam sobrevivências de culturas excluídas e suas identidades culturais, como, por exemplo, no caso da criação do PMME, contribuindo, portanto, para a ampliação da democracia. A Universidade nesse sentido é um ambiente importante, pois sendo um local rico em relações e interações sociais, pode potencializar essas ações emancipatórias (OLIVEIRA, 2006, p. 56).

Além do mais, concordamos com Von Simon (2009, p. 03) quando ela afirma que “o mergulho ao passado nos faz emergir mais conscientes quanto aos problemas contemporâneos da vida da comunidade estudada e geralmente nos conduz a ações conjuntas e politicamente conscientes visando sua superação”. Podemos supor desse jeito que é bom resgatar a memória para entender e lidar melhor com o presente.

Atualmente existe certa preocupação no que se refere ao reconhecimento dos cidadãos pelo bem tombado, mas ainda é frágil e precisa se fortalecer. Segundo Cunha (1992, p.45), em nosso

país, muitos ainda relacionam a ação de preservação patrimonial a uma atividade meramente acadêmica, que pouco tem a ver com a luta pela democracia e os direitos de cidadania, o que tem dificultado a divulgação das ações de preservação e a participação mais ativa da população.

Dessa forma, é fundamental o reconhecimento da sociedade pelo bem tombado enquanto patrimônio histórico e cultural como valor de identificação de uma História pública. Nesta linha, considera-se uma relação muito estreita entre a preservação de bens culturais e a cidadania. O direito ao passado, à memória, é um bem de todos os cidadãos, independente de classe social, etnia, cultura. Trata-se do exercício da cidadania se fazendo presente em cada monumento tombado, em cada objeto preservado, em narrativa registrada, em cada atividade cultural e política resguardada.

Em relação ao patrimônio do ME da UFV, também se faz importante um trabalho de valorização desse patrimônio através da memória coletiva, oral e escrita daqueles que já passaram ou que estão passando pelo movimento. Essa valorização deve se dar não somente no meio estudantil, mas entre todos que participam da Universidade e da cidade de Viçosa.

A memória do movimento estudantil é um dos importantes patrimônios da comunidade acadêmica, extrapolando este contexto, e precisa ser resgatada, reconhecida, divulgada, publicada e compreendida, para que não se perca o histórico e consciência do papel político e cultural que exerceu e exerce a organização deste movimento na Universidade Federal de Viçosa, bem como na cidade e país. Como nos mostra Von Simon (2009, p. 04), é ainda indispensável não nos voltarmos para simples vestígios ou documentos isolados, mas elaborarmos conjuntos documentais que nos permitam captar a intencionalidade e o simbolismo do corpo social ao registrar sua História. Acreditamos que a organização da estrutura do presente trabalho facilitará essa compreensão.

1.4 Análises dos Movimentos Sociais

Para analisar o ME, utilizaremos de alguns elementos de teorias existentes acerca dos Movimentos Sociais abordados por Gohn (2012³), em especial a teoria marxista e neomarxista, a fim de nos auxiliar a entender esse complexo Movimento. A análise do Movimento sob o prisma marxista nos faz utilizar o método crítico dialético, sob um viés crítico e questionador, pelo qual nos desafiamos a entender este cenário a partir do contexto histórico, político e social mais amplo, de forma a buscar compreender a totalidade na qual essa problemática se insere, visando buscar um

³ Teoria dos Movimentos Sociais – Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 2d. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

maior entendimento do papel que os estudantes em movimento exercem no meio que atuam, e como suas ações podem ajudar a problematizar acerca das grandes questões existentes na nossa sociedade.

Daremos foco para o reconhecimento dos processos de lutas sociais voltadas para a transformação das condições existentes na realidade social, de carências econômicas e/ou opressão sociopolítica e cultural. Procuramos identificar essas características nas ações dos militantes do Movimento Estudantil da UFV.

Por reconhecer os limites postos pela análise marxista no nosso trabalho, tentaremos utilizar teorias que se colocam críticas ao chamado marxismo ortodoxo, propondo superações de lacunas, especialmente a teoria neomarxista, que entende política como cultura política, tão importante quanto a economia, dá ênfase às questões micro articulada com a macro, e não pensa na classe trabalhadora como único sujeito da transformação social, levando em consideração o papel de diferentes atores e suas práticas, conforme analisa Gohn (2012, p. 189-207).

Alguns dos elementos e categorias básicas colocadas por Gohn para a análise dos Movimentos Sociais que também tentaremos abordar se referem a demandas e repertórios das ações coletivas, a composição do movimento, suas articulações e relações internas (entre bases, lideranças e assessores, que está ligado a ideologia, organização, práticas), as articulações externas (relacionadas com o contexto sociopolítico e cultural, os opositores, mídia, as suas redes e outros movimentos), sua força social, sua ideologia, cultura política, a organização, as práticas, o projeto, a identidade, o cenário sociopolítico, as conquistas e derrotas.

Utilizaremos o termo práxis o entendendo como elemento fundamental da transformação da sociedade e da natureza pela ação do homem e da mulher, que se realiza através da atividade teórica conectada à atividade política e/ou da atividade produtiva. E ainda, acreditamos que essa ação requer a formação da consciência de classe e de uma ideologia autônoma e crítica, de forma organizada (Gohn, 2012, p. 190-197).

1.4.1 Movimento Estudantil enquanto Movimento Social

O Movimento Estudantil, inclusive o ME da UFV, esteve presente em diversas cenas políticas do Brasil, com papel de destaque em alguns momentos, como nos mostra Araújo:

Ao longo da história os estudantes têm tido, em diferentes sociedades e em diferentes épocas, papel político relevante. Não é possível pensar nenhum tipo de insurreição, de resistência, de confronto político, sem eles. Às vezes mais pacíficos, às vezes nem tanto, outras vezes de uma combatividade ostensiva. Às vezes empunhando faixas, cartazes e gritando palavras de ordem. Outras vezes atirando pedras e coquetel molotov, erguendo barricadas, arrancando paralelepípedos das ruas e enfrentando as forças policiais. Organizados de diversas maneiras: em entidades estudantis, associações de caráter ideológico, organizações políticas clandestinas. De todo jeito, é impossível pensar cenários políticos de ruptura e transição sem a presença e atuação estudantil (ARAÚJO, 2007, p. 15).

Os movimentos sociais para Gohn (2003, p. 13) viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Logo, os movimentos sociais não são necessariamente “de esquerda”, havendo inclusive movimentos sociais e políticos conservadores. Lima (2013, p.25) também alega isso em relação ao Movimento Estudantil, criticando autores que não identificam movimentos de Direita, como se os estudantes fossem naturalmente de esquerda, como Poerner (2007, p. 38) que afirma a “existência de uma rebeldia social da juventude”, o que para Lima não é uma verdade.

Entendemos que o Movimento Estudantil, por ser composto de pessoas de diferentes classes e grupos sociais, tendo um caráter policlassista, é muito diversificado, podendo apresentar múltiplos interesses, tendo suas posições políticas constantemente em disputa por diferentes ideologias, o que por sua vez pode fazer o movimento desenvolver um caráter tanto mais conservador, como mais transformador, ou misturar características de ambos.

A diferença, de acordo com Gohn (2012, p. 202) é que o primeiro é pouco crítico e questionador do modo de vida que nos inserimos. Já o segundo (conhecido também como de esquerda, progressista, libertário, etc) propõe modelos alternativos aos que estão postos na sociedade. Essas diferenças fazem os movimentos apresentarem comportamentos diferentes, e assim, tudo mais irá ser de acordo com essa ideologia, como a tática, estratégia, organização, etc, se tratando, nas palavras de Boaventura, Meneses e Nunes (2005) de pluralidade conflitual de saberes e de conhecimentos rivais.

Podemos refletir ainda que o Movimento Estudantil se caracteriza enquanto um Movimento Social, mas tem algumas especificidades, como o caráter transitório, que fazem seus membros ter atuação curta dentro do ME. Isso torna necessária a renovação constante de militantes, através principalmente de formação de base, o que é conhecido pelos estudantes do ME como trabalho de base⁴. Outro ponto é sua ação específica que é atuar na educação, acompanhada pela luta mais geral da sociedade.

⁴ Ações que visam mobilizar o povo através de ações concretas, em função dos interesses imediatos. (Betto, 1985, p. 15).

2 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL LOCAL

Em relação à Viçosa, esta é caracterizada como uma cidade universitária, com forte característica religiosa, de médio porte, da Zona da Mata mineira, atualmente com cerca de 90 mil habitantes, onde a maioria é jovem, e aproximadamente 20 mil são considerados como população flutuante, sendo a maioria estudantes da UFV.

Desde a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV)⁵, criada em 1922, até a década de 1930 existiam aproximadamente 50 estudantes na Instituição; até a década de 1960 esse número subiu para 5000; atualmente a UFV conta com 20000 estudantes. O número de estudantes, portanto, cresce conforme passam os anos.

De acordo com os documentos do acervo do DCE podemos refletir que o Movimento Estudantil da UFV existe desde a criação da ESAV, e já contribuiu inúmeras vezes com o cenário político na cidade, que foi palco de inúmeras lutas, passeatas, campanhas, piquetes, e manifestações, em sintonia com o que ocorria no resto do país, na luta pela democracia e outros direitos dos cidadãos.

Uma das primeiras e mais históricas ações organizadas pelo Movimento Estudantil da UFV foi a Marcha Nico Lopes, realizada inicialmente ainda na década de 1930, existindo até hoje (ver anexo 03, nas páginas 80 e 81, onde tem uma foto de uma Marcha ainda na década de 1930 e dois cartazes de divulgação de Nico Lopes mais recentes). É, portanto, uma das atividades estudantis mais antigas e tradicionais da cidade e da Universidade. Na década de 1930 o objetivo era fazer o ritual de passagem de calouro para veterano. Os estudantes se fantasiavam e atravessavam a Universidade e a cidade, levando faixas e cartazes de suas bandeiras de luta, fazendo críticas à Universidade, à comunidade, à política regional e nacional, chegando por fim no Bar de Antônio Lopes Sobrinho, o Nico Lopes, um velhinho boêmio que conquistou a simpatia dos estudantes⁶. Na sua morte, os estudantes fizeram uma homenagem colocando seu nome na Marcha. Em 1951 as mulheres estudantes começam a participar da manifestação. A Marcha foi sofrendo algumas modificações ao longo dos anos e do contexto histórico de cada época, bem como dos militantes que a organizavam, mas acontece até hoje e sempre foi uma Marcha irreverente, cultural e política realizada pelos estudantes, com um tema político central.

⁵ A ESAV é criada em 1922 e o primeiro curso criado foi de Agronomia em 1927 e em 1932, o de Veterinária. Em 1948, o Governo do Estado a transformou em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), que era composta pela Escola Superior de Agricultura, pela Escola Superior de Veterinária, pela Escola Superior de Ciências Domésticas, pela Escola de Especialização (Pós-Graduação), pelo Serviço de Experimentação e Pesquisa e pelo Serviço de Extensão. Em 1969 o Governo Federal a Federaliza, com o nome de Universidade Federal de Viçosa.

⁶ Para mais informações acesse http://obixonaufv.blogspot.com.br/2009/10/nico-lopes-e-seus-80-anos-de-historia_6535.html.

Até a década de 1960 o ME se organizava em 3 Diretórios Acadêmicos, dos únicos três cursos da Instituição, como explica Vitarelli (ENTREVISTA de Valéria Vitarelli realizada em Março de 2012 para o PMME): “De Agronomia, Veterinária e Economia Doméstica, além dos Clubes (mais culturais e esportivos) que juntavam estudantes de cada ano dos três cursos. Cada Diretório tinha a sua Biblioteca, e a atuação também era mais esportiva e cultural do que política” (ver imagem de evento cultural no anexo 04, página 81 e 82).

O início da década de 1960 foi marcado por uma efervescência política e cultural do ME. Citamos a greve do 1/3 para elucidar (ver anexo 05, página 82 e 83), caracterizada por uma greve geral universitária que ocorreu em 1962 e reivindicava a participação proporcional dos estudantes em todos os órgãos colegiados das Direções das Faculdades e Universidades. Em Viçosa esse movimento aconteceu de forma bem forte, com o ME se dedicando a explicar do que se tratava e fazendo com que grande parte dos estudantes aderissem à greve. Uma breve fala de um ex-militante mostra a indignação com a situação e o enfrentamento e embate que fizeram na Universidade para defender suas reivindicações:

Era um processo onde basicamente quem decidia as eleições eram os professores, e os estudantes e funcionários eram meros coadjuvantes. Eles tinham algo em torno de 60, 70% do peso. Servidores e funcionário em 15% do peso e estudantes também. Então imagina, estudante, que a gente era 5 mil, tinha peso menor, nosso voto não valia de nada. Tipo assim, um voto de professor valia uns 30 votos de estudantes. Então assim, foi um dos maiores enfrentamentos. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Em 1964 acontece o Golpe Civil-Militar,⁷ o ME entra na ilegalidade em todas as Universidades, incluindo a UFV, e ao longo dos próximos anos tem suas atividades proibidas e seus militantes perseguidos. Mendes Jr (1981, p.11) alega que esse foi um período de forte intensidade e densidade de acontecimentos, fazendo muitos estudantes entrarem para a guerrilha armada, tendo como resultado dura repressão e muitas mortes, inclusive dos melhores militantes do movimento.

Em 1965, se tem o acordo MEC-USAID, em que o Brasil deixa os Estados Unidos influenciarem o modelo de educação do país, adequando o País ao modelo estadunidense, coerente com o objetivo de fortalecer a acumulação do capital. Um grupo de estudantes da UFV foi contra esse acordo (ver anexo 06 na página 83 e 84), denunciando a péssima qualidade que trazia para a Educação brasileira, além de denunciar também os pacotes tecnológicos da chamada “Revolução Verde”, como explicou Márcia Fagundes (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho

⁷ Partimos da ideia de que nenhum poder se mantém apenas pela força, sendo necessário uma base social de apoio e um discurso legitimador, como explica Lima (2013, p. 12). Nesse sentido o golpe foi apoiado por parte da sociedade civil organizada. Por esse motivo farei referência à Ditadura adicionando o adjetivo Civil-Militar.

de 2012 para o PMME). A forte repressão não impede que alguns militantes ainda tentem organizar as lutas, incluindo as lutas contra o Regime Ditatorial. É Valéria Vitarelli que nos conta:

O contexto da época (1968) era de Ditadura, e os movimentos não podiam ter uma organização muito explícita, muito clara, como é hoje. Foi uma época difícil e bem complexa pro trabalho do ME. A maior dificuldade era justamente essa, a organização que a gente não podia ter. E mesmo assim as pessoas tinham essa tendência, de não ficarem quietas, não ficavam acomodadas. Em relação ao ME mais geral, do Brasil, começou essa questão mais política em torno dessa organização de eliminar a Ditadura. (ENTREVISTA de Valéria Vitarelli realizada em Março de 2012 para o PMME).

Portanto, vemos que na UFV o momento era de tensão, muito cuidado, e bastante trabalho duro. O ME continuou lutando, mesmo às escondidas, porém, em 1967 a Marcha Nico Lopes é proibida e o Regime endurece ainda mais nos próximos anos. É Vitarelli quem nos confessa: “Em 67 foi a última Nico Lopes que aconteceu, quando houve uma interferência militar muito grande, então foi dispersa e proibida. Eu me lembro porque eu estava como cidadã de Viçosa, eu me lembro dessa Nico Lopes, e foi a última.” (ENTREVISTA de Valéria Vitarelli realizada em Março de 2012 para o PMME).

Sabemos que os estudantes do ME da UFV continuaram, mesmo com todas as dificuldades, a se rebelar e criticar o que não concordavam nesse período de Ditadura Civil-Militar, usando de muita criatividade e irreverência, um marco do ME da UFV. Temos o relato de uma festa no Bairro Santo Antônio, também conhecido como Cantinho do Céu, que a polícia apareceu no meio, com cassetes, quebrando janelas, fez todos saírem correndo apavorados, acabando com tudo. A resposta deles foi a seguinte:

Mas ficamos revoltados com aquilo, e ficamos pensando o que a gente poderia fazer né, então a gente resolveu que a gente ia para o DCE para pensar, conversar, porque lá era nossa casa. Então a gente foi andando do Cantinho do Céu, e no caminho fomos pensando em fazer uma carta aberta. Nós vamos contar para todos os estudantes, a população, o que a polícia fez, o que a Universidade fez. E era noite, o dia foi clareando, e a gente lá trabalhando, e quando foi 7 da manhã, a gente estava na porta de toda igreja, de toda padaria, da Universidade, do refeitório, em todo canto entregando uma carta aberta à população, contando o que aconteceu, com nomes, as pessoas que tinham sido apanhadas, e nós contamos direitinho para todo mundo. E ainda fizemos mais, pegamos umas cartas dessas e mandamos para todas as Universidades brasileiras, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, aí a gente começou a pegar pesado, ficamos com muita raiva, vimos que tínhamos que tirar o Coronel Leo, e só deu força para a gente, vimos que a gente estava certo e aquele negócio estava errado. E nós ficamos muito respeitados com isso que nós fizemos pelo Brasil inteiro. Então a gente passou a ser chamado pelo Brasil inteiro, para reuniões. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Como mostra o depoimento, a abordagem policial os deixou revoltados e dispostos a dar uma resposta, no caso denunciando o ocorrido à cidade e ao país. Em outro trecho da fala de Márcia Fagundes está mais bem explicitado o ponto da repressão da Ditadura Civil-Militar:

Ali estava acontecendo a segunda direção depois do AI-5. Os DCE's estavam fechados. Não se fazia assembleia, não se fazia encontros, porque quem administrava os estudantes na UFV era o Coronel Leo. A gente sabia que tinham alunos especiais, que eram alunos deduído. E todo canto que a gente ia tinha polícia, então assim era um ambiente que não se falava de reunião, o máximo era ali na bibliotequinha. E aí a gente começou a se reunir lá. Aí a gente começou mesmo essa discussão dessas coisas aqui de Viçosa, desse modelo, dos currículos. Justamente estava se dando muita ênfase naquela época no poder americano aqui dentro da UFV, financiando, tinha a fundação Rockefeller, a Fundação Ford. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Aí fica nítido que na UFV existia uma forte perseguição aos estudantes e até professores que se opunham à Ditadura. E também podemos falar das disputas em jogo nessa época, que ainda são atuais, a saber, a influência norte-americana na UFV. Os estudantes do ME se posicionavam contrários a essa influência, afirmando a necessária autonomia universitária. De acordo com Poerner (2004, p. 279), na época da Ditadura Civil-Militar: "Não havia mais condições mínimas para a sobrevivência do movimento estudantil, embora nunca tenham deixado de pipocar tentativas e ações isoladas".

Mostramos também outro importante relato de Márcia Fagundes que confirma o fato dos estudantes estarem batendo de frente com a administração da UFV, inclusive indo contra o Reitor da instituição, questionando o modelo vigente, e ligados à questões do meio rural, mostrando como estavam organizando lutas de contestações e sabiam do que reclamavam:

Daquela época a gente já via como era importante a reforma agrária, a questão ambiental, a gente era tão politizado que a gente questionava, por exemplo, a questão da soja, que estava iniciando nessa época entrar no Brasil, tanto é que o Sedyama, que foi Reitor e nosso professor, estava chegando dos Estados Unidos (EUA), trazendo e começando a introduzir a soja no Brasil. E a gente questionava que iria ocupar o lugar do feijão e que iria trazer a *hemisia tabaci*, que é a mosca branca que causa o mosaico, e a gente falava que tinha que ter zoneamento, que senão isso realmente ia acontecer e não é que aconteceu? (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Assim, vemos que a luta pela Reforma Agrária e questões ambientais é histórica no ME da UFV, o que fez os militantes muitas vezes se aproximarem e apostarem nos movimentos rurais. E como os estudantes nesse período (década de 1970) estavam conscientes e de modo crítico se

manifestavam e se posicionavam nos principais debates da Universidade, inclusive sendo contra o próprio Reitor da Universidade e o que ele defendia.

Esse relato também corrobora com o que afirma Boaventura (2011, p. 107), quando afirma que esses sujeitos sociais acreditam que precisamos construir um projeto emancipador de educação. Uma educação que faça entrar em choque diferentes ideologias, as colocando em conflito.

É criado o Diretório Central dos Estudantes em 1972, quando se acaba com a possibilidade de continuar com os clubes. O objetivo era de trabalhar de forma autônoma, e fortalecer a organização e estruturação do movimento. Vitarelli mais uma vez nos conta como foi isso:

Sobre a reativação do DCE eu lembro que como unia os clubes, então houve uma discussão grande, porque que não forma, ao invés dos clubes, porque começou a aparecer o regime seriado, ele terminou e começou a aparecer o regime de crédito, então ia ficar difícil as turmas, não existia mais isso, isso não ia mais existir, então começou a se criar um ME mais bem estruturado, mais forte, e assim surgiu o primeiro DCE. O primeiro presidente eu me lembro bem, foi o Passarinho, Roberto Passarinho o nome dele, e foi exatamente quando eu me formei. Pegando essa ideia dos clubes né, que tinha muito mais força pra poder reivindicar, pra poder estruturar. (ENTREVISTA de Valéria Vitarelli realizada em Março de 2012 para o PMME).

Em 1977 houve um ato estudantil a nível nacional, e contou com a participação dos estudantes da UFV, cujas reivindicações incluíam a anistia para os presos e exilados políticos além da divulgação de carta aberta à população, denunciando as perdas salariais e de direitos ocorridas no período pela ditadura. Podemos visualizar como os estudantes da UFV estavam engajados e mobilizados contra a Ditadura, sendo uma das três Universidades de Minas Gerais que aconteceu o ato, ao lado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF):

Em abril, os protestos e greves haviam alcançado a PUC de São Paulo e do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade de Brasília, a Universidade de Vale dos Sinos, a Federal e a PUC do Rio Grande do Sul; até setembro, eles atingiram Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Limeira, Jundiaí, Sorocaba, Santos, Bauru, Curitiba, Londrina, Florianópolis, Juiz de Fora, Viçosa (MG), Goiânia, Pelotas, Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, Natal, Fortaleza, Teresina, Belém e Manaus (POERNER, 2004, p. 281-282).

O depoimento de Márcia Fagundes explica sobre a famosa Marcha Nico Lopes, que se propõe a mostrar as ideologias e reivindicações dos estudantes e que sofreu forte retaliação no ano de 1979, especialmente pelo fato dos estudantes protestarem contra a posse do Presidente da

República João Batista Figueiredo. Podemos perceber como as lideranças⁸ do Movimento, que estavam à frente da Marcha com megafone, souberam agir rápido, percebendo logo que a polícia queria impedir a continuação da marcha, especialmente por se tratar da época da Ditadura Civil-Militar, e sabendo o que fazer. Os demais estudantes confiaram nele e fizeram o que foi orientado, correndo para a linha do trem.

É possível identificar também que essa Marcha foi a primeira a se realizar após um período de interrupção forçado⁹. As lideranças provavelmente devem ter analisado que tinham força social suficiente para fazer a Marcha naquele ano, sendo de certo modo uma conquista a Marcha ter saído, mas uma derrota por não ter conseguido ultrapassar os muros da UFV e chegar à cidade. Outro ponto importante é perceber como naquela época se tinha o costume de fazer os homens vestirem de mulher e vice-versa, rompendo com a padronização e quebrando tabus da sociedade:

A gente ficou tentando fazer a NL, e a gente não conseguia, era uma coisa tão sigilosa que ninguém queria falar dessa Marcha. Ai no meu último ano, em 79, a gente conseguiu fazer a NL. Ai a gente organizou a passeata, os homens vestidos de mulher, de salto. E a passeata veio, saindo lá do Bernardão, passou a reta, e quando nós chegamos nas 4 pilastras, a polícia lá, fechando tudo, pra gente não sair pra cidade. Ai a pessoa na frente, com o megafone, falou "Pela linha". Era tudo mato, ali do lado da linha de trem, só passava o trem e o resto era um matão que ia dar na cidade. Ai todo mundo foi correndo, de salto, foi caindo, e passou rapidinho e quando a polícia foi ver o pessoal já tinha ido. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Em 1979 se tem início também a abertura política, o que também fez os estudantes da UFV comemorarem: "a abertura que aconteceu em 1979, tanto é que as turmas de formatura, o nome é Abertura, então aconteceu a abertura" (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Os estudantes nesse período organizaram diversos debates contribuindo para a politização e enfrentamento à alguns setores da Universidade, trazendo os sujeitos sociais contrários ao Regime para o debate nesse ambiente acadêmico, tanto no Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia, o Conea que aconteceu em Viçosa¹⁰, como na greve de 1980, segundo o relato de Cardoso:

⁸ Algumas organizações políticas têm suas lideranças, ou seja, pessoas que estão à frente do movimento e tem consciência de tudo que está acontecendo, elaborando teorias e tomando as principais decisões, coerentes com o momento. Bergamini (1994) coloca que o líder influencia os demais e possui quatro desafios: motivar, inspirar, sensibilizar e comunicar.

⁹ De 1968 até 1979 a Marcha foi impedida de acontecer pelo Governo Federal Ditador.

¹⁰ Confira a Abertura do Congresso no anexo 07, página 84.

Era um momento então de muita efervescência política, a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do Partido dos Trabalhadores (PT), a volta à legalidade dos Partidos Comunistas, então no Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia – Conea em Viçosa, por exemplo, a gente trouxe esse povo todo para discutir, CUT, UNE, Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido Comunista Brasileiro (PCB), todos os jornais. e a gente fez isso, chamou essas pessoas, inclusive o assessor da Reitoria me chamou um dia na Reitoria e falou: Mas vocês não podem, vocês trouxeram todas essas pessoas que são ilegais, que são clandestinas, a Universidade não pode fazer isso. E eu falei: Mas é o momento político, então a gente vai discutir isso porque é isso que está no Brasil. A discussão da Reforma Agrária. Então assim, era o momento de efervescência política muito grande nacionalmente, e a gente participava disso. E a greve de 1980 a gente conseguiu mobilizar a Universidade toda, a gente paralisou a Universidade. E a gente fazia piquete de 1000 estudantes na porta do PVA e na porta da Biologia, e ia nas salas de aula e discutia e tirava os estudantes da sala de aula, porque era esse o momento político. Então tinha as greves todas acontecendo, com o país inteiro paralisando, e a gente também fazia essa mobilização. Então foi o momento de muita, muita, muita efervescência política, e de muito crescimento político da época (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Podemos ver como os estudantes do ME se preocupavam com os debates nacionais, não só trazendo pessoas de referência para discutir esses assuntos na UFV como também travando o debate e participando da movimentação nacional. O relato de Lourdes¹¹ demonstra bem esse ponto:

Havia muita preocupação com o que estava acontecendo a nível de país, no cenário político e cultural, então tinha uma discussão muito intensa com grupos formados para discutir, com reuniões semanais aqui na área do DCE Piscina, então faziam esses encontros normalmente semanais, horário de almoço, ou a noite, em que se levantava pontos e pautas que se tinham no momento.

O ME da UFV nessa época era também forte em se aproximar do campo, contribuindo assim para a conscientização do meio rural, e pela organização de diversos sindicatos, movimentos e associações rurais da região. Esse trabalho foi ainda mais intensificado com a criação do Centro de Tecnologias Alternativas - CTA, no final da década de 1980. Organizado pelos estudantes ligados à agroecologia, essa associação existe até hoje e visa fortalecer a agroecologia e as organizações de pequenos agricultores da Zona da Mata mineira, contribuindo para sua consolidação como atores na construção de uma alternativa para a sociedade¹². Podemos perceber isso no seguinte trecho do depoimento de Cardoso, explicando sobre a década de 1980: “Nessa época os estudantes, já tinham criado a comunidade Alfa da Violeira, o Restaurante Alfa, o grupo Alfa de Ecologia, tudo isso foi então dando base pra essa discussão mais colada com a discussão ambiental, que hoje a gente

¹¹ Ex-militante do ME da UFV, entrou no Coluni em 1980, depois fez o curso de Agronomia e formou em 1986. Atualmente trabalha no BAR do DCE.

¹² Mais informações acesse http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=ong&cod=_centrodetecnologiasalter

chama de Agroecologia.” (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME). A ex-militante fala da criação do grupo Alfa, tanto como restaurante vegetariano organizado pelos estudantes, que arrecadou dinheiro para a compra do lote que hoje se situa o CTA no bairro Rural Viçeira, e que passou a criar a comunidade Alfa da Viçeira depois disso, além dos mutirões e estudos em ecologia.

Outra importante conquista dessa época foi a construção da piscina do DCE pelos estudantes: foram dias de mutirão para conseguirem ter um espaço de lazer e diversão. Hoje a piscina é uma grande área que conta com projetos de Extensão, campo de futebol, e um gramado onde acontecem desde festas e confraternizações até assembleias e reuniões. Para explicar melhor colocamos um curto trecho de um relato sobre a piscina do DCE da década de 1990: “Foram os estudantes que construíram a Piscina do DCE, durante várias semanas, capinaram o mato, abriram o buraco e fizeram um espaço muito bom e proveitoso.” (ENTREVISTA de Claudenir Fávero realizada em abril de 2012 para o PMME).

Na década de 1980 o ME da UFV também participa em sintonia como resto do país das mobilizações pelas Diretas Já! É Irene Cardoso que comenta como foi a mobilização em Viçosa, e ainda conta um pouco do conflito interno que se tinha no ME pela ligação de alguns militantes com partidos políticos, revelando como é difícil separar as duas coisas:

A gente participou ativamente dos comícios, discutindo internamente, as manifestações aqui, no dia da votação das Diretas a gente fez uma vigília na Praça, depois a gente fez o hasteamento da bandeira com uma tarja preta quando perdeu no Congresso as Diretas já!, logo depois teve a decisão de ir ou não ao Colégio Eleitoral, a gente discutiu isso e optou por não ir ao Colégio Eleitoral, e já naquela época a decisão política dentro do ME se dava polarizado por aqueles militantes mais alinhados com o PT e os militantes mais alinhados com o PCdoB: o PCdoB optou por ir ao Colégio Eleitoral, e o PT optou por não ir ao Colégio Eleitoral, então isso se reflete dentro do ME, e isso permitiu então o envolvimento com essa discussão política grande que estava acontecendo no Brasil (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Irene Cardoso também nos conta como foi a participação de Viçosa na reconstrução da entidade estudantil União Nacional dos Estudantes em 1984: “Foi nessa época também (1984) a rearticulação da UNE, e a gente de Viçosa participou de vários Congressos da UNE, e também na reconstrução da UEE, que a gente também participava desses momentos” (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Nessa época também houve um enfraquecimento e perda de legitimidade da UNE, conforme Régis explica: “A relação com a UNE era sempre uma relação de amor e ódio, então várias vezes

tinham processos mais próximos, e depois acabou se distanciando, pois a estrutura ficou viciada, muitas disputas e interesses de grupos, afastamento com a base, ai perdeu o propósito. (ENTREVISTA de Glauco Régis ao PMME em abril de 2012).

Em relação a transferência da Sede do DCE do Barracão (onde é hoje a UFVCredi) para o Porão do Centro de Vivências na década de 1980, essa mudança não agradou os estudantes, como declara Irene Cardoso, explicando da resistência num primeiro momento por questões políticas, mostrando mais uma vez seu posicionamento de ser contra as Fundações de apoio à Universidade e às privatizações. Vemos que o peso da criação das Fundações foi tão forte que não teve jeito, o ME contra a sua vontade acabou tendo que ir para o Porão:

Pra ir para o Porão do Centro de Vivências nós resistimos, a gente não aceitou, na década de 1980 quando foi então construído o Centro de Vivências, o DCE decidiu não ir para o Porão, porque o DCE lutou contra a construção do Centro de Vivência, e era uma discussão casada na época com a criação da Funarbe, que era passar a Universidade para a Fundação, e a gente naquela época achava que tinha que ser, continuar como Autarquia, hoje na verdade eu não sei me posicionar frente à isso, mas naquela época a discussão era que a Universidade tinha que ser Pública, e criar as Fundações era uma forma de estar privatizando parcialmente a Universidade, e isso era uma forma inclusive de estar favorecendo a entrada de dinheiro de Empresas dentro da Universidade, e a gente então era contra isso, e o Centro de Vivência se dava nesse bojo, e a gente falou: "Nós não vamos." A gente recusou e não foi para o Porão, a gente só aceitou o Cineclubes Carcará, que era no Porão, mas a gente não foi, resistiu e ficou no Barracão. Mas não teve jeito e os estudantes foram colocados dentro no Porão, que onde era pra ser o DCE sempre, desde quando planejou o Centro de Vivência (ENTREVISTA de Irene Cardoso ao PMME em abril de 2012).

A década de 1990 foi marcada por greves contra o sucateamento da Universidade Pública, como nos conta Glauco Régis, que ainda conta como a UFV estava de acordo como o Projeto Nacional:

Era curioso que greve acontecia quase todos os anos. Teve uma época que era um ano sim um ano não, e era quase sempre nos anos ímpares, então em 89 teve greve, em 90 não teve. Em 91 teve uma greve enorme. Ai em 92 não teve. Em 93 teve uma greve imensa. Em 94 não teve. Ai depois quebrou, 95 teve e 96 teve também. Então a gente estava assim, que a greve era uma coisa comum, era um fato comum. Então não faltavam problemas, sendo o principal de sucateamento e desmonte da Universidade. A UFV estava alinhada ao Projeto Nacional, o que fazia o ME ter constantes conflitos e enfrentamentos muito grandes com a administração da Universidade (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Nessa década as chamadas políticas neoliberais¹³ entraram mais sistematicamente no cotidiano universitário, através das políticas públicas para o Ensino Superior com foco na aceleração do processo de privatização do sistema de Ensino, e colocando as Universidades na lógica do capital, conforme explica Paula (2003), que afirma ainda que houve “um desmonte da universidade pública brasileira na década de 1990, com um investimento cada vez menor do Estado no campo da educação superior pública” (2003, p. 02).

Régis também conta a respeito: “A gente estava num processo recente da chamada redemocratização do país, as pessoas discutiam muito isso, tratavam essas coisas, estava no auge do processo neoliberal, se discutia a situação da Universidade”. O ME da UFV fazia uso de jornais do movimento para criticar a política brasileira e mostrar aos estudantes o que acontecia no país e na Universidade (Ver Jornal Quo Vadis no anexo 08, página 84 e 85) E de acordo com Barbosa (2007, p.05) isso produziu efeitos desastrosos no ME, destruindo o que o movimento tinha de mais bonito: sua capacidade de aglutinação, sua capacidade catalisadora, produzindo dessa forma subjetividades individualizantes.

Essa década foi intensa para o ME da UFV, que além das greves faziam muitos debates importantes de temas de interesse nacional, fazendo ainda o esforço de organizar espaços com pessoas de grande peso na área, de acordo com a fala de Maria Cortês:

A gente tinha uma preocupação doida, que era fazer formação política, a gente achava que tinha que fazer formação política com os estudantes da Universidade. A gente trazia estudante da USP, da UFRJ, UFMG, de tudo quanto era lugar, trazia teóricos que eram da nossa linha de pensamento, pra discutir conosco, promover debates, falávamos muito em Paulo Freire, o tempo todo acontecia uma formação política dos vários temas, desde a AIDS que era o boom naquele momento, todo mundo conversando sobre isso, essa história da AIDS, a questão da etnia, do preconceito racial, da homofobia. Eu lembro, a gente recorria muito as pessoas da extensão rural pra fazer alguns debates, ora era no auditório da engenharia florestal, ora era no da extensão rural, sempre, umas duas vezes por mês, acontecia alguma coisa, e a gente divulgava, divulgava, e cartaz, chamando todo mundo pro debate, e esse foi o nosso foco mesmo né, e internamente a gente tinha os grupos de estudos nos domingos a tarde, às duas horas da tarde (ENTREVISTA de Maria Cortês realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Deste modo, vemos como o ME se preocupava em trazer pessoas críticas e competentes para as discussões, e escolher os temas mais importantes e apropriados do momento. Esses estudantes se baseavam nas ideias de Paulo Freire e acreditavam que a responsabilidade do ME consiste em disputar os rumos do conhecimento produzido nas Universidades, que pode ser tanto um instrumento para dominação como para libertação, como explica Zientarski (2009, p. 04)

¹³ Para mais informações sobre as políticas neoliberais da década de 90 consultar também BARBOSA (2007).

dependendo de como é gerado e utilizado, com objetivo de transformação social. O que o ME tentava fazer era “entortar a vara para o outro lado”¹⁴, tendo objetivo de transformação social. (Freire, 1987, p. 43).

Nessa época o debate das mulheres também se fortalece, sendo Maria a primeira Coordenadora Geral mulher do DCE, conforme ela mesma conta: “O fato de eu ser a primeira mulher na coordenação geral do DCE foi algo positivo, algo bacana, que agregava, agregava ao grupo né, mas ainda não tinha uma discussão muito bem construída, essa história de mulheres ainda não era o debate maior.” (ENTREVISTA de Maria Cortês realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Porém, como ela mesma esclarece, o feminismo ainda não se fazia tão importante, mas podemos falar que era seu fortalecimento, e a partir daí o movimento de mulheres foi crescendo, não só dentro do ME mas nos demais espaços de atuação dessas mulheres que passaram pelo ME. Assim, Maria hoje trabalha no CTA, e faz um trabalho relacionado com a formação e o movimento de mulheres rurais da Zona da Mata.

Podemos observar também um movimento cultural na Universidade, organizado pelos estudantes, com atividades de valorização dos artistas locais e estudantes, como Glauco Régis fala em seu relato:

No DCE Piscina tinha todo final de semana, toda sexta-feira tinha um show, e era um show ao vivo, alguém tocando uma viola, uma viola raiz, uma música tradicional mineira, uma música regional, e a maioria das atrações eram os próprios estudantes que eram artistas, também gente da terra, da região. Então era um contexto que a gente era mais próximo né. (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

O ME na década de 1990 acreditava também que a Universidade é um reflexo da sociedade, e assim ainda é um espaço excludente e de difícil acesso à população de baixa renda, portanto cria cursinho popular do DCE para a comunidade de baixa renda, com viés não só de ensinar os conhecimentos necessários para o exame de seleção às Universidades, mas também um ensino crítico e problematizador da realidade. Hoje já existe também o Cursinho popular de Paula Cândida e um Boletim Periódico do Cursinho do DCE (ver anexo 09, na página 85).

No depoimento, de Nicinha¹⁵, identificamos uma manifestação importante que ocorreu no final da década de 1990, a greve de 1999, contra o aumento do bandeirão, que marcou o ME da UFV, onde podemos reconhecer algumas estratégias utilizadas pelo movimento, como a ida a casa do reitor, a greve e a ocupação, que os estudantes em alguns momentos difíceis acabam optando

¹⁴ Frase atribuída a Adriano Zito, um ex-militante da UFV que cursou Biologia entre 2008 e 2012, em uma conversa informal.

¹⁵ Ex-militante do ME da UFV, fez o curso de agronomia entre 1999 e 2003, e atualmente faz doutorado na Fitotecnia.

como último recurso, quando acreditam que não está mais funcionando o diálogo, ou até quando se sentem de certa forma ofendidos, como forma de radicalizar as ações e pressionar a Direção da Universidade para atender suas reivindicações. Vemos também como em alguns momentos as demais categorias da Universidade concordaram/compartilharam as reivindicações dos estudantes, somando forças às suas ações:

Ai em 99 veio a greve de 99, do bandeirão. A greve foi por quê? O bandeirão era R\$1,00 e foi pra R\$1,40. E todo mundo achava um absurdo. R\$1,00 pra R\$1,40 é muito pouco, mas é 40% né. E aí foi uma greve onde começou com estudantes, aí os funcionários apoiaram a greve, e depois os professores acabaram entrando na greve. Quando o Reitor resolveu ao invés de dialogar fechar o RU, saiu todo mundo, com panela, e todo mundo com aquele panelaço pra cidade, pra porta da casa do Reitor, que fugiu pela janela dos fundos. Foi quando a gente ocupou a Reitoria e depois “expulsou” o Reitor da UFV. Por fim tivemos uma vitória conseguindo que o RU aumentasse apenas para R\$1,10. (ENTREVISTA de Nicinha realizada em julho de 2013 para o PMME).

Sobre a “expulsão” (ver anexo 10, na página 86) do Reitor Saraiva da UFV, o ME fez um ato com acusações e críticas ao Reitor que o fez entrar no seu carro e sair da UFV, demorando 2 horas para ir da Reitoria até as Quatro Pilastras, como relatou Nicinha. A declaração dela também nos leva a reconhecer que o movimento quando está forte, com as categorias mobilizadas, tem grandes chances de obter vitórias, como foi o caso, em que conseguiu o aumento de 10 centavos ao invés de 40 centavos. Se as mobilizações tivessem sido fracas, talvez o aumento inicial tivesse ocorrido.

Nessa década a Marcha Nico Lopes também sofre uma grande disputa interna entre os militantes do movimento, que tinham uma concepção diferente do seu objetivo, uns achando que a Marcha tinha que atrair a juventude e os estudantes acima de qualquer coisa, e outros achando que a Marcha tinha que manter seu caráter político acima de tudo. Essa disputa também acabou se refletindo na disputa do DCE, fazendo os grupos políticos do movimento usarem a Marcha para fazer Campanha nas eleições do DCE, já que a Nico Lopes em muitos momentos é um evento que acontece logo antes dessas eleições. Glauco explica bem como se dava esse embate e como eram as Marchas enquanto estudou na Universidade, afirmando que tinha um caráter popular e político muito forte:

Todo o tempo que eu estudei aqui teve Nico Lopes, e teve um caráter bem interessante, ela era muito legal, uma festa muito popular, eu me encantei com ela, achei incrível quando eu vi ela, porque era uma festa realmente popular, tipo um carnaval de rua, as pessoas se fantasiavam, faziam esquetes, faziam críticas, e ela tinha um componente político muito forte, tanto da parte organizativa, o DCE organizava, e sugeria isso, que as pessoas fizessem protestos, manifestações políticas, em tom de brincadeira, e as pessoas também tinham essa iniciativa. Então tinha gente que se fantasiava de Reitor, de Presidente da República, fazia brincadeiras, o DCE promovia concurso de blocos, então era também incentivado os blocos de rua, era todo na rua, todo no chão. Não tinha trio elétrico, às vezes tinha carro de som, os

blocos às vezes organizavam seus próprios batuques, ia batucando pela rua, descia até a praça, e voltava. E aí houve o corte de tudo isso em 1992, quando o grupo que conseguiu ganhar as eleições implantou a Nico Lopes com trio elétrico. Mudou completamente a cara da Nico Lopes, e fez com que a eleição do DCE girasse muito em torno disso, pois é claro que agradou muita gente, quando começou o trio elétrico, essa cena baiana, então agradou muita gente, e a gente teve que fazer uma discussão muito forte de cultura, pra resgatar a história da Nico Lopes, no chão e tal, e outra coisa que era uma festa que não dava dinheiro, e o DCE sempre se endividava com a Nico Lopes por causa dessa história de contratar trio elétrico, então essa Gestão mesmo de 92 contratou o trio e ficou devendo o trio depois, no outro ano o nosso grupo ganhou a eleição e já assumiu com dívida porque o trio elétrico não tinha sido pago, então começou a ser um problemão (ENTREVISTA de Glauco Régis ao PMME).

A partir dos primeiros anos do século XXI a UNE e as Universidades organizam caravanas para participar dos Fóruns Sociais Mundiais (FSM), incluindo a UFV. O FSM foi pensado inicialmente como contraposição ao Fórum Econômico Mundial de Davos, como lema “Outro mundo é possível!”, juntando diversos Movimentos Sociais do mundo inteiro para pensar em alternativas ao capitalismo. A UNE a partir do Segundo FSM organiza o Primeiro Encontro Mundial de Estudantes, com representação de mais de 30 países discutindo sobre Educação. Os militantes do ME da UFV desde o Primeiro FSM organizam os estudantes para participar, e alguns anos tem maior, e outros menos participação. Em 2009¹⁶ o ME conseguiu lotar um ônibus e levar estudantes para o FSM em Belém do Pará.

Para além da disputa interna no ME que marcou forte presença nessas duas últimas décadas, e fez a Nico Lopes acabar se tornando uma festa com trio elétrico, o que agrega muitos estudantes, porém não agrada todos os militantes, vemos como é ainda um evento muito importante, contando atualmente com uma semana de intensas atividades políticas e culturais e um Festival de Bandas. A Marcha ainda mantém suas características originais de contestação, como nos conta Rafael Machado:

Eu vejo a Nico Lopes como um grande momento de extravasamento do estudante, é quando a gente pode ir pra rua e mostrar como a gente não está satisfeito com a UFV, como a gente não está satisfeito com a estrutura social vigente no país, é a hora de irreverência, cultura, mais lazer. É um momento de vivência, onde o estudante esquece seu curso, esquece suas dores, e vai para a rua protestar e lutar por um mundo melhor, e se divertir. (ENTREVISTA de Rafael Machado realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

Em 2006 e 2008 há a criação do Campus de Rio Paranaíba e do Campus de Florestal. Isso causa um desafio no ME, que tem que conseguir abarcar esses outros estudantes e promover debates e ações articulados, mas mantendo a autonomia dos estudantes em cada local.

¹⁶ Ver site <http://dceufv.blogspot.com.br/2009/01/dce-disponibiliza-nibus-para-bienal-da.html>.

Em 2012 o Porão foi alvo de um incêndio, fazendo os grupos que estavam ali irem para outros lugares, o que “desarticulou esses coletivos”, conforme conta Rafael Machado (ENTREVISTA de Rafael Machado realizada em Agosto de 2012 para o PMME). Em 2012 a UFV foi também uma das primeiras Universidades que decretou greve estudantil no Brasil, especialmente pelo inchaço sem qualidade que estava se vendo na Universidade.

Uma movimentação que vem crescendo e ganhando visibilidade na década de 1990 é a luta pelas ações afirmativas e maior democratização da Universidade, que esteve acompanhando as discussões do ME da UFV especialmente nos últimos anos, conforme podemos visualizar no anexo 11 (Seminário realizado pelo DCE e ASAV na página 86).

Um dos movimentos que mais vem crescendo na UFV é o da Agroecologia. O ME da UFV historicamente vem construindo esse Movimento em Viçosa, e podemos reconhecer isso desde os relatos mais antigos até os mais atuais. Dessa forma, vem organizando cursos de formação, trocas de sementes, vivências, práticas, a Troca de Saberes – que acontece junto a Semana do Fazendeiro, e também participando de Encontros e Congressos Nacionais, como o ENGA- Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia e o CBA – Congresso Brasileiro de Agroecologia. Acreditam que a agroecologia traz mudanças paradigmáticas no modo de viver o mundo, como mostra um relato de Jennifer Medeiros¹⁷ acerca dessa concepção para os integrantes do Movimento:

A gente tem que produzir, a gente tem uma sociedade pra alimentar. Então não adianta fazer só no meu quintal e achar bonito, achar que é suficiente. Não que não seja importante. Então a gente fazia muito esse debate, a gente tinha mesmo a intenção de promover mesmo a agroecologia pra além de forma de produção. (ENTREVISTA de Jennifer em julho de 2012 para o PMME).

Citamos também a pesquisa de Lopes (2012, p. 02) que identifica o surgimento de ações políticas de cunho socialista que segundo ele visam “nutrir o Movimento Estudantil da universidade, através de uma forte conscientizações/práticas agroecológicas, experiências de partilha e, em especial, o fomento de uma musicalidade até então inédita na vivência universitária da UFV”. Podemos supor, portanto, como as práticas agroecológicas dos estudantes da UFV vem acompanhadas de um modo de vida alternativo ao hegemônico.

¹⁷ Ex-militante do ME da UFV, entrou no curso de agronomia em 1999, mudando para Pedagogia em 2002 e formou em 2006.

3 Características do Movimento Local

Aprofundaremos neste capítulo sobre algumas características e especificidades presentes no ME-UFV com vistas a entender melhor como os militantes articulam suas ações, organizações, como têm feito formação política, trabalho de base, formas de financiamento, de atuação, estratégias, alguns parceiros e opositores, recrutamento de novos militantes, lições e erros cometidos, enfim, buscando compreender como se configura esse complexo movimento.

3.1 Vínculo com outros Movimentos Sociais, Parceiros e Opositores

Algo em comum nos autores pesquisados é que todos dão muita ênfase à UNE (Poerner, 2007, Araújo, 2007, Mendes Jr, 1981). Assim, Araújo cita alguns momentos importantes dessa entidade, que como vimos, também marcam a História do ME da UFV:

No Brasil, a importância do ME acompanha a trajetória de sua entidade máxima, a UNE. Da luta contra o Estado Novo à campanha pelo petróleo, à participação no movimento pela reforma agrária, à atuação cultural, ao enfrentamento com a ditadura militar e à participação na fase de consolidação democrática, a UNE esteve sempre presente na política brasileira (ARAÚJO, 2007, p. 18).

Mendes Jr (1981, p. 10-11) também afirma que da data da fundação da UNE (1937) em diante, em todos os grandes momentos da vida nacional, os estudantes marcaram presença pela voz da UNE, formando em alguns momentos verdadeira vanguarda nas grandes lutas do período.

O autor também alega que em alguns momentos os Estados Unidos (EUA) financiaram chapas “de direita” para concorrer a Direção da UNE, sendo apoiadas muitas vezes pela Bancada de Minas Gerais, inclusive com agentes norte-americanos infiltrados nas Universidades para tentar conquistar os estudantes para as suas posições. De 1951 a 1956, por exemplo, Mendes Jr conta que eles foram vitoriosos e ganharam o Congresso da entidade, estando à frente do movimento, e que na verdade, foram os EUA que dirigiram a UNE nesse tempo (Mendes Jr, 1981, p. 56).

É interessante notar que a História do ME da UFV se relaciona bastante com a História da UNE e da UEE-MG. O DCE - UFV historicamente esteve atuando junto com essas entidades (confira a capa do Jornal Gazeta Universitária de 1965 no anexo 12, página 86 e 87), contribuindo nas suas reconstruções na década de 1980, e ainda, participando, criticando, disputando e

construindo seus Congressos e espaços políticos, e constantemente tendo membros compondo chapas e fazendo parte das Diretorias das Entidades, conforme nos mostra a fala de Márcia Fagundes na entrevista que fez para o PMME da UFV, onde explica da reunião que participou referente à reconstrução da UNE a partir do Congresso da entidade realizado em Salvador em 1979: “eu estive numa reunião em São Paulo, onde ia tomar decisões no país inteiro para a gente fazer aquela reunião que houve em Salvador, que foi o marco da UNE, que até então a UNE estava extinta né.” (ENTREVISTA de Márcia Fagundes para o PMME em agosto de 2012).

Podemos ver também na fala de Cortês como o ME da UFV na década de 1990 também tem se organizado para participar dos Congressos da Entidade máxima dos estudantes universitários brasileiros: “quando era época de mudar a gestão da UNE né, dos Congressos, ah era uma loucura, uma loucura absoluta, porque ai vamos montar delegado, aquela doideira” (ENTREVISTA de Maria Cortês em setembro de 2012 para o PMME).

Na última década houve uma forte polarização na UNE entre dois partidos políticos, o PT e o PCdoB, se refletindo no ME da UFV, sendo ambos marcados por essa polarização até os dias de hoje, como afirma Nicinha, na sua entrevista para o PMME: “Acabou sendo assim, os estudantes enxergavam dentro da Universidade, o PT contra o PCdoB, mas não era isso, pelo menos do nosso lado não era isso (ENTREVISTA de Nicinha para o PMME em Julho de 2013).

O ME geralmente se esforçou ao longo dos anos para não atuar de forma desconexa a outros movimentos sociais e políticos da cidade e região, aliás, foi justamente esta capacidade de diálogo e parceria com demais setores da sociedade que colaboraram para que muitas demandas dos estudantes fossem sanadas ou minimizadas. Isto também levou o movimento a contribuir com os demais eventos, mobilizações, atividades, e lutas sociais existentes na cidade e na região, como a luta pelas ocupações de terra e pela reforma agrária (anexo 13, página 87 e 88), a campanha permanente contra os agrotóxicos, junto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, as lutas contra as barragens e minerodutos e campanha pelas águas, junto como Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, apontando dessa forma caminhos para a transformação da sociedade como um todo. Em contrapartida, os MS, especialmente o MST também tem ajudado e contribuído com algumas lutas estudantis, como a ocupação da SIF¹⁸ em 2007 (confirmam uma foto de uma Assembleia sobre essa ocupação no anexo 14 na página 88).

Além disso, esses movimentos sociais vêm criando parcerias ao longo do ano, como a realização de espaços de formação do ME nos assentamentos da região, a distribuição e venda dos

¹⁸ Para mais informações ler <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Racionalidade-Privada-Na-Engenharia-Florestal/902322.html>

alimentos da Reforma Agrária pela Rede Raízes da Mata de Agroecologia da Casa 18, na Vila Gianetti ¹⁹ e o Estágio Interdisciplinar de Vivência – EIV, que foi criado na década de 1980 pelo ME brasileiro, e é hoje um dos principais espaços de formação política do Movimento, sendo realizado em diversos Estados e Universidades brasileiras.

O ME da UFV organiza dois EIV's: o Estadual, de Minas Gerais, e o Regional, da Zona da Mata mineira (veja Banca com Bandeiras do EIV no anexo 15, página 89). O EIV regional é um estágio organizado pelos estudantes em que os estagiários têm a oportunidade de ter uma formação política teórica, concentrada no CTA – Centro de Tecnologias Alternativas, e prática, morando e acompanhando o dia a dia de uma família envolvida em algum movimento ou associação rural, como o MST, MAB, Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) ou Escolas Família Agrícola (EFA's). Deixamos abaixo um relato de Eduardo Guatemozin mostrando a importância do EIV na vida de um estudante, e como isso abria portas para um novo mundo:

No final de 2003, quando eu comecei a participar das oficinas do Estágio Interdisciplinar de Vivência de Viçosa, e fui fazer o EIV no final de 2003, então eu entrei em 2002 e no final de 2003 eu fiz o EIV, e foi quando o ME se abriu pra mim, uma possibilidade não só de participação, de entendimento, do que que era, de um modelo diferente de Universidade, um modelo diferente de agricultura, no caso do Estágio de Vivência propriamente dito a gente discutiu muito a agricultura, e a sociedade como um todo, então o EIV foi o que abriu as portas para os outros grupos que estavam aí construindo o Estágio de Vivência, e que querendo ou não eram os grupos que construíam o ME na época. (ENTREVISTA de Eduardo Guatemozin realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

Destacamos também a recente criação da Assessoria de Movimentos Sociais, do Observatório de Movimentos Sociais e da Casa dos Movimentos Sociais, sendo conquistas na Universidade que vieram com muitas lutas e embates do conjunto da Esquerda na UFV.

Falaremos brevemente dos parceiros do ME, que alguns já falamos acima, sendo mais fácil identificá-los. O ME se aproxima de seus parceiros por afinidade política e ideológica, sendo estes outros movimentos sociais populares, especialmente os que existem na região, como o MAB, o MST, e a Marcha Mundial das Mulheres –MMM, alguns professores declaradamente de esquerda, alguns deles tendo passado pelo ME, alguns partidos de esquerda, Sindicatos, e também as demais entidades, grupos e coletivos estudantis, como a UNE, UEE, DCE's e coletivos de combate às opressões de outras Universidades. Mas nessa relação, o ME tenta garantir sua autonomia e independência, e não se esquecer da sua demanda específica, que se refere a educação.

Acerca dos opositores, podemos refletir que quando a Direção da Universidade não faz o que o movimento acredita como sendo o mais acertado, eles são considerados opositores aos interesses do ME. E essa ideia extrapola os meios universitários, chegando à cidade, e à nível

¹⁹ Casa do Mutirão Ciranda, que abarca os grupos agroecológicos da UFV.

estadual e nacional. Dessa forma Sílvia Ferrari revela: “o Reitor não acatava o que os estudantes queriam, e por isso nós consideramos que estávamos em oposição a ele e ao modelo de Universidade que se dava naquele momento” (ENTREVISTA de Sílvia Ferrari para o PMME em Julho de 2013).

Em relação à Direção da Universidade, partimos da ideia de que existe uma disputa diária por essa Direção, que se modifica a todo instante, e muitos sujeitos sociais com posicionamentos diferentes conseguem conquistar um espaço dentro do Poder da Universidade. Assim, podemos falar que houve momentos em que o ME esteve mais próximo, e em outros mais afastados da Administração da UFV.

Isso faz o ME ter que se esforçar para identificar aqueles sujeitos mais próximos e que se pode contar em algum momento, e aqueles que não se pode contar. Além do mais, dentro do próprio movimento não se tem um consenso em relação a identificação política dessas pessoas, o que aumenta o desafio.

Os militantes da UFV têm utilizado de diversos mecanismos, como passeatas, atos, assembleias, ocupações, greves, desde greves curtas de poucos dias até as maiores de alguns meses, para conseguir pressionar a Universidade para suas reivindicações. Em algumas delas contou com o apoio da UEE e de outras Universidades, e em outros momentos fez greve em solidariedade a outra universidade.

Como exemplo, citamos o seguinte relato de Glauco Régis, que esclarece sobre as ideologias contrastantes na UFV no início da década de 1990, as dificuldades do ME com as privatizações e seus reflexos na UFV, bem como a resposta do ME, que foram as greves:

O Brasil estava sendo privatizado de fora a fora. A direita nadando de braçada nessa época. Em nível de estado a mesma coisa. E a Universidade não era diferente né. Era um choque de ideologia muito forte. Collor de Melo era o Presidente do Brasil, e estava implantando com força o Projeto de diminuir o tamanho do Estado ao mínimo, então as Universidades estavam realmente ameaçadas, e o ME fazia greve quase todo ano (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Algumas vezes, o ME teve apoio das demais categorias e entidades parceiras, em cartas, atos, protestos, ocupações, greves, e outras ações. Outro exemplo disso é a recente prática da administração de proibir festas e atividades culturais nos espaços estudantis, como o Porão e o Bar do DCE, processando os estudantes que organizam essas atividades. Historicamente esses locais sempre foram dirigidos pelo ME, sendo um espaço para formação política e convivência, através de festas, atividades culturais, de reuniões, leituras, músicas, teatros, saraus, cursos, conversas, etc.

(veja uma cultural no Porão no anexo 16, página 89 e 90). O ME não só contou com a ajuda da UNE para divulgar o ocorrido em sua página e conseguir assinaturas para um abaixo-assinado²⁰, defendendo esses militantes injustiçados, como foi na Câmara de Vereadores divulgar o ocorrido e pedir colaboração²¹, e assim fez a Universidade se constranger e recuar.

Outro opositor do ME historicamente é o Agronegócio (ver anexo 17, página 90 e 91), representado a nível nacional pela bancada ruralista no Congresso Nacional, e a nível local pela parcela da UFV que historicamente defende e contribui para esse modelo de agricultura, incluindo diversos professores, empresas nacionais e multinacionais presentes na UFV ou parceiras dessa Instituição, entre outros. Isto porque a Universidade ainda é muito forte na área das agrárias, sendo a agronomia o curso mais antigo junto com a Veterinária. Isso faz a Universidade ser reconhecida tanto na linha do agronegócio, investindo e se esforçando muito para isso, e do lado oposto, também ser forte e reconhecida no lado da agricultura sustentável, agricultura orgânica e agroecologia.

Como exemplo citamos a Ocupação da Sociedade de Investigação Florestal, (SIF) em 2008, devido ao acordo dentro do ME de que essa Empresa estava influenciando as matérias e demandas do curso de Engenharia Florestal para os seus interesses, fazendo o curso não cumprir sua função Social. Assim, através de pesquisas muitas vezes de interesse privado em diversas áreas do conhecimento, em detrimento de pesquisa a serviço do desenvolvimento nacional e regional, conforme denuncia um ex-militante, Vladimir Filho (2008)²², os militantes do ME acusam a UFV de contribuir para aumentar o lucro das grandes empresas e a concentração de renda, além de reproduzir a cultura da competição, que concebe o outro como uma ameaça e não como possibilidade, ao invés de cumprir seu caráter social.

Portanto, vemos que a cada ano a luta se dá de diversas maneiras e formatos, seja política, burocrática, acadêmica, científica, formal, informal, etc. Para citar um exemplo de como se dá essa disputa, podemos falar sobre a Troca de Saberes²³ (ver Anexo 18, página 91), sendo realizada há cinco anos pelos movimentos alternativos da Universidade, durante a Semana do Fazendeiro²⁴.

²⁰ Conferir em <<http://www.une.org.br/2013/08/dce-de-vicosa-denuncia-repressao-ao-movimento-estudantil-na-ufv/>>.

²¹ Para maiores informações acesse: <<http://www.vicosa.mg.leg.br/noticias2/09-2013/camara-recebe-ufv-para-tratar-dos-processos-de-uso-indevido-dos-espacos-da-instituicao-contr-o-movimento-estudantil/>>.

²² Vladimir Filho escreveu a tese de graduação sobre isso: **A Racionalidade Privada no Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa**. Monografia - Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008.

²³ Um conjunto de atividades que visam organizar os participantes, na maioria pequenos agricultores ligados aos STR e aos MS do campo, em grupos temáticos para eles socializarem e discutirem suas experiências, conhecimentos e práticas, nas suas pequenas produções, e assim trocar saberes populares com os saberes acadêmico, construindo alternativas para um mundo que respeita a terra e a natureza, entendendo a sua inter-relação com o todo e os seres humanos, defendendo, portanto, um modelo de desenvolvimento alternativo, baseado na integração do ser humano com a natureza através de relação solidária e cooperativa, sem gerar prejuízos ecológicos.

²⁴ O principal e mais antigo evento de extensão universitária, a Semana do Fazendeiro, que ano passado alcançou a 84 edição. Esse evento conta com cursos, oficinas, discussões, palestras, workshops, entre outras coisas, com o objetivo de difundir e ensinar práticas ligadas ao agronegócio aos agricultores e fazendeiros, como o aumento de competitividade

Outro exemplo dessa disputa colocamos um relato de Irene Cardoso contando como era o contexto e as lutas na década de 1980 pelo currículo mínimo de agronomia e pelas transformações ambientais:

Então naquela época a gente tinha uma luta, os estudantes, por exemplo, da Universidade Federal de Cuiabá estavam a seis meses de greve, pelo currículo mínimo de agronomia que atendesse mais aos interesses sociais, que tivesse um compromisso maior com as transformações ambientais, sociais que exigia daquele momento e continuam exigindo hoje, e a formação de um agrônomo mais eclético e não tão especialista, e com a formação humanística mais sólida. E esse currículo então quem era o responsável por dar o parecer no MEC era o reitor da UFV na época, o professor Fagundes, e a gente então fazia muitas manifestações, muitas lutas aqui e nacionalmente, a favor desse currículo que é o currículo de 1984. A gente ganhou então o parecer favorável do professor Fagundes, estabelecendo então o currículo mínimo que tinha sido amplamente discutido nas bases, e essa discussão tinha sido organizada pela Feab. (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Ela mostra com isso como a UFV tinha professores articulados com o MEC, influenciando as políticas nacionais, como o ME da UFV dialogava com o ME de outras Universidades, especialmente a partir das entidades gerais de cada curso, com destaque para a Feab (Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil) e também como esses estudantes davam importância para o papel do profissional, priorizando uma formação mais humanista e que atendesse mais os interesses sociais. A própria criação do EIV foi uma tentativa de suprir essa demanda.

3.2 Formação política e trabalho de base

A formação política pode ser tanto interna, para o grupo, como externa, para os demais estudantes, e é transversal ao movimento, passando por todos os momentos, desde as reuniões, encontros, atos, conversas, etc. Em todos esses momentos se está aprendendo e amadurecendo o debate, tanto individual como coletivamente.

Mostramos um fragmento do depoimento de Claudenir Fávero²⁵ que explica bem a importância da greve como um momento propício para o aprendizado, formulações e formação política, tanto pelo fato de não estar tendo aulas, como a própria greve em si, com seus motivos e disputas políticas, e de outra bandeira histórica para os militantes da UFV, a questão da democracia, motivo de muitas lutas, críticas e manifestações:

no mercado a qualquer custo, fazendo para isso uso de agrotóxicos e transgênicos, e reforçando valores consumistas e individualistas, em uma perspectiva imediatista que acaba por fazer avançar o processo de degradação ambiental e esgotamento das riquezas naturais em benefício de uma minoria.

²⁵ Ex-militante do ME da UFV, entrou no curso de agronomia em 1988 e saiu em 1992. Atualmente é professor da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri na área de agroecologia e manejo e conservação do solo.

Houve o envio pra Brasília dos 6 nomes, para o Presidente nomear o reitor, chegou a notícia de que havia a possibilidade de não ser o primeiro da lista a ser nomeado. E aí houve uma movimentação muito grande por parte do DCE e dos CA's, de fazer um movimento de greve inclusive, pela nomeação do primeiro da lista. E houve essa movimentação, a princípio apenas para fazer uma manifestação em frente a reitoria, mas que acabou culminando numa ocupação da reitoria, e numa greve que se estendeu por 15 dias, até que o presidente nomeasse o primeiro da lista. Mas aquele momento daqueles 15 dias de greve, fazendo ocupação da reitoria, foi um momento muito rico, de muita discussão sobre a universidade. Eu me lembro que chegou a reunir em assembleia ali no gramado em frente a reitoria mais de 2000 estudantes. E com muita discussão, muitos momentos, inclusive com grupos grandes, e foi o primeiro momento que eu participei de discussão sobre a universidade, mais político, constitucional, da universidade. Então foi muito bom, foi um momento de muita revelação do que é essa instituição, a Universidade, fruto desse movimento que teve. Isso foi em setembro de 1988. (ENTREVISTA de Claudenir Fávero realizada em outubro de 2012 para o PMME).

Glauco Régis explica que os estudos na sua época, na década de 1990, eram constantes e regulares: “uma vez por semana, sábado a tarde, a gente ia pra cima na bibliotequinha, se reunia, alguém preparava um texto, trazia um texto, fazia o debate em cima daquele texto: texto sobre universidade, texto sobre projeto de sociedade, vários temas relacionados ao Projeto Político.”

É Irene Cardoso quem explica como tinham que estudar e estar bem preparados para travar essas disputas pelo conhecimento na UFV. Fica nítida também a importância e seriedade que davam aos estudos para se qualificar para os debates:

A gente fazia o debate político, nas Assembleias, nas reuniões, nas preparações dos momentos, então preparar e discutir como era a Universidade, paralisar, ficar um dia inteiro no PVA, funcionários, professores e estudantes, discutindo a relação ensino-aprendizagem, isso exigia da gente muita preparação, então a gente leu muito, eu li muito, eu li Paulo Freire na época, Bárbara Freitag, Saviani, muitos autores da Educação, que quem me propiciou foi o ME, porque a gente tinha essa discussão da relação ensino-aprendizagem, então como a gente quer isso? Então a gente lia os autores da época. A gente tinha então a preparação para ir aos Congressos, a gente fazia “N” discussões sobre as idas aos Congressos, então ele participava dessas lutas, não é fácil organizar uma passeata, uma manifestação em frente à Reitoria a favor do Currículo Mínimo da Agronomia, pra você fazer isso tem que fazer uma discussão prévia muito grande, pra se preparar politicamente, preparar seus argumentos técnicos e políticos (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Márcia Fagundes também conta sobre outras atividades que tinha na época: “tinha o grupo Alfa, tinha também o cineclube, o teatro, traziam pessoas de Ubá, peças progressistas, e foi assim, e daí pra frente a gente cresceu. Trouxemos também o Darcy Ribeiro aqui. Ele acabou de chegar do exílio, e o primeiro lugar que ele veio foi aqui.” (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizado em Junho de 2012 para o PMME). Em relação aos filmes que passavam no Carcará, Márcia também

fala um pouco sobre eles: “filmes extremamente censurados, que não passavam de jeito nenhum, aqui era todo o sábado, podia saber que tinha o melhor filme.”

Isso nos faz entender que a Universidade, sendo mais uma Instituição Social, não está a parte de toda Sociedade, mas ao contrário, reproduz e reflete a sociedade que faz parte. (Zientarski, 2009, p. 05) Vive uma disputa política interna complexa e cheia de contradições, não produzindo, portanto saberes neutros e livres de interesse, mas que estão ligadas diretamente com a correlação de forças existentes no seu interior e exterior. Para o ME que tem uma ação crítica e de denúncia, conseguir assim ter voz para o conjunto dos estudantes tem que fazer um trabalho e esforço muito grande.

Não foram poucas às vezes em que os estudantes se colocaram nas lutas mais pontuais se organizando para os grandes momentos, e em muitos casos, atuando junto com professores, e outros agentes políticos, tendo papel atuante e fundamental tanto nas lutas mais específicas da Educação, como nas lutas mais gerais do país (Araújo, 2007, p.15), como Lourdes afirma no seu relato, que mostra a mobilização e atuação do ME da UFV para contribuir com questões políticas que estavam acontecendo na sociedade, e mais uma vez aparece a Piscina do DCE como um espaço político importante e a questão agrária como uma das prioridades do movimento:

Eu, por exemplo, participei de um grupo que nós encaminhamos várias emendas a Dante Oliveira²⁶ que era na época quem estava à frente do Estatuto da Terra²⁷, então nós estudávamos e encaminhamos várias emendas para que se fosse alterado o Estatuto da Terra a partir do que a gente tinha de conhecimento e que estava estudante, e achávamos que era o de mais importante a ser acrescentado ou ser retirado para que atendesse a toda a população brasileira (ENTREVISTA de Lourdes realizada em agosto de 2012 para o PMME).

Sobre o trabalho de base com os estudantes, podemos verificar no fragmento do relato de Glauco Régis a importância da greve como um grande momento de aprendizagens, onde os estudantes tinham disponibilidade e o assunto principal era o Projeto Político e as reivindicações que levaram à greve. Ele também cita a Bibliotequinha do DCE como um local de discussão e reuniões. Nesse sentido, ele explica:

A gente sempre trabalhou bastante a formação política e os melhores momentos pra fazer formação política sempre foram as greves, exatamente nas greves quando o pessoal estava liberado das aulas ne, então tinha mais tempo pra fazer reuniões e o processo formativo, e

²⁶ Foi Ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário em 1986, sob a Presidência de Sarney, e contribuiu para alterações no Estatuto da Terra.

²⁷ O Estatuto da Terra é a forma como legalmente se encontra disciplinado o uso, ocupação e relações fundiárias no Brasil.

tinha o fato concreto, o porque da greve, então a gente ia discutir o porque que os professores estavam de greve, porque os servidores estavam de greve, qual era a pauta de reivindicações deles, a gente fazia uma discussão da Universidade. Então na greve sempre se destacou como os momentos interessantes de se fazer formação política, e era de várias formas, a gente chegou a fazer processos continuados, o DCE mesmo puxou processos continuados, em módulos, em cada etapa, reuniões, uma vez por semana, sábado a tarde, a gente ia pra cima na bibliotequinha, se reunia, alguém preparava um texto, trazia um texto, fazia o debate em cima daquele texto: texto sobre universidade, texto sobre projeto de sociedade, vários temas relacionados ao Projeto Político. (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

A partir das entrevistas fica claro essa preocupação com o trabalho de base, que se mostra muito bem feito e organizado, com encontros periódicos, muitas leituras e discussões, geralmente se dando nos locais do ME, como a Bibliotequinha, a Piscina.

3.3 Entidades Tradicionais e Não Tradicionais

Para facilitar o entendimento do que é a rede do Movimento Estudantil da UFV, partiremos da ideia de que o ME da UFV hoje pode ser pensado enquanto ME tradicional, composto pelo DCE, CA's e DA's, Executivas de Curso, Conselho de Moradores dos Alojamentos (CMA), Associação de Pós Graduandos - APG, todas tendo eleição para a escolha de seus representantes, e geralmente tendo um respaldo maior perante a Sociedade e as Instituições Formais.; e o que podemos identificar enquanto ME não tradicional, ou ME alternativo, como os grupos de agroecologia - Grupo de Agricultura Orgânica (GAO), Grupo Apêti de Agroflorestas e Saúde Integral em Permacultura (Sauipe), o Núcleo de estudos Afrobrasileiros - Neab, Grupo de Estudos Indígenas, Primavera nos Dentes, Grupos Culturais, Coletivos Estudantis, Associação Atlética Acadêmica da UFV (Luve), os grupos religiosos, etc.

O ME tradicional atualmente tem o DCE como referência central, tendo sua sede administrativa no Porão do Centro de Vivências e sua sede cultural no Bar do DCE. Na sede administrativa existem as salas dos CA's e DA's, Cineclube Carcará, que possui total independência em relação ao ME tradicional, a CMA, o PMME, a Bibliotequinha, e o Xerox que atualmente encontra-se terceirizado. É também onde acontecem os CCA's (Conselho de Centros Acadêmicos), no mínimo uma vez por semana, podendo ser convocado pelo DCE ou algum CA ou DA, mas geralmente fica a cargo do DCE. A Sede cultural é composta pelo Bar, que é terceirizado, contando com a área da piscina, a sala de TV, as mesas e cadeiras do lado de fora, e os jogos: sinuca e totó.

Entendemos que um dos desafios centrais para o conjunto do ME, como já foi falado, é centrar ações e unir forças, e não dividi-las, até porque cada grupo interpreta essa união de um

modo. Assim, os diferentes grupos devem reconhecer suas individualidades e diferenças, mas saber suas semelhanças e os momentos de agir em conjunto para alcançarem maiores ganhos.

Entre as organizações tradicionais, temos como referência principal o DCE da UFV, que faz parte da história da UFV e sempre esteve pautando sua representatividade e legitimidade de suas bandeiras e ações. É a entidade que representa legalmente e formalmente os estudantes da Universidade, porém, ultimamente vem perdendo sua legitimidade e mantém poucos membros na entidade.

A organização do DCE varia conforme o grupo que faz parte da entidade. Geralmente acontecem eleições anuais, junto com as eleições dos CA's e DA's e órgãos colegiados, como o Conselho Técnico de Graduação (CTG), Conselho Técnico de Extensão e Cultura (CTEC), Conselho Comunitário, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e Conselho Universitário (CONSU). As decisões mais burocráticas devem ser seguidas conforme o Estatuto do DCE através do CCA – Conselho Máximo dos Estudantes, representado pelos CA's e DA's, além do próprio DCE.

Os grupos políticos que historicamente tem disputado o DCE, os CA's e DA's e demais entidades tradicionais, são o grupo ligado ao PT, com suas divergências e disputas internas, o grupo ligado ao PCdoB, através da UJS, e recentemente um grupo ligado ao partido político Consulta Popular²⁸. Ou seja, existem membros desses Partidos compondo as chapas para disputar essas entidades representativas. Também existem aqueles estudantes que se identificam com o anarquismo, e os independentes, que se dizem autônomos em relação a qualquer partido ou grupo político. Esses estudantes independentes às vezes se juntam com um grupo que tenha mais afinidade política. Falaremos melhor sobre a relação entre Partido Político e Movimento Estudantil em outro tópico

Essas entidades tradicionais geralmente se organizam através de reuniões periódicas, podendo fazer corujões²⁹ em determinados períodos mais intensos, para decidir e encaminhar as tarefas. As reuniões são espaços muito ricos, e que podem variar bastante, mas no geral durante as reuniões acontece ao mesmo tempo formação política, planejamento, organização, sociabilidade, disputas, construção ritualizada de símbolos coletivos e linguagens próprias, colocando em ação múltiplas concepções ou representações relativas à natureza das organizações, bem como o papel dos seus dirigentes e membros, e também sobre a natureza da própria categoria que essa entidade

²⁸ É uma dissidência da Articulação de Esquerda, principal tendência do PT que têm construído ao longo dos anos o ME da UFV.

²⁹ Reuniões extraordinárias e extensas, sem hora para acabar, geralmente indo até a madrugada, para dar conta das atividades e demandas.

propõe representar, contribuindo desse jeito para a consolidação de rede de relações e a construção desse universo social. (Comerford, 1999, p. 47).

A reunião (ver imagem de uma reunião do DCE no Porão no anexo 19, página 92) é, portanto, um momento importante de participação e democracia entre os membros da entidade, sendo uma boa oportunidade para que todos falem e dêem sua opinião, tomando assim decisões coletivas, por consenso ou votação, e ainda, é também um espaço de aprendizado e conscientização através de discussão participativa, reflexiva e livre.³⁰(Comerford, 1999, p. 47 – 54).

As Assembleias (ver imagem das divulgações e de Assembleias ocorridas em diferentes épocas no anexo 20 na página 92 e 93) também são espaços democráticos em que acontecem tudo isso, mas num âmbito maior, onde todos os estudantes podem – e devem participar. Existem as Assembleias dos cursos e a Assembleia Geral dos Estudantes, com pautar específicas, mas geralmente são mais curtas que reuniões, pois não tem o planejamento das atividades, sendo mais encaminhativas. Depois da Assembleia na maioria das vezes se cria um conselho ou um núcleo mais operacional composto por alguns estudantes interessados, que se organizam para realizar as propostas aprovadas.

Outras importantes entidades tradicionais são as Executivas de curso. Historicamente o ME da UFV tem participado e construído as executivas de curso, que são entidades nacionais que representam os estudantes de determinado curso. A principal entidade³¹construída pelos militantes da UFV é a Feab – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, que sempre marcou forte presença e exerceu influência muito grande nos militantes UFV. Identificamos quase todos os membros do ME de Viçosa da agronomia como tendo feito parte da Feab. Podemos ver nesse fragmento um pouco dessa História:

Eu fui pra Feab, aí eu participava mais do movimento de curso, a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, e fui regional da Feab por 2 anos, e cheguei a participar da Coordenação Nacional da Feab, em 94 e 95, a nacional da Feab foi aqui em Viçosa, a gente assumiu, um grupo bem legal que tinha. E a partir disso aí, dessa militância eu me tornei uma pessoa conhecida, dentro da Universidade também, participei dos colegiados do curso, fui do CEPE também, e a gente se aproximou do DCE também (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

³⁰ Para saber mais sobre as reuniões consulte COMERFORD, John Cunha. *Fazendo Luta – Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

³¹ Frisamos que a Feab não é a única, existem outras executivas de curso também importantes na UFV, como a Associação Brasileira de Estudantes de Engenharia Floresta, (ABEEF), a Entidade Nacional de Estudantes de Biologia (ENEBIO), a Articulação Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (ANECS), entre outras, mas não focaremos nelas nessa pesquisa.

Quando falamos em ME não tradicional estamos nos referindo a organizações estudantis que não são necessariamente entidades burocratizadas de referência legal para os estudantes e a administração da UFV. Porém, temos que pensar em cada um para entender sua especificidade. Por exemplo, muitas dessas entidades não tradicionais se originaram da atuação do ME tradicional, como a Luve, alguns dos Coletivos, como o Primavera nos Dentes³² e o Coletivo de Mulheres³³, e até mesmo parte do Movimento Agroecológico.

Destacamos os grupos culturais, por serem vários e realizar dezenas de atividades artísticas e culturais das mais comuns até as mais irreverentes e inusitadas, desde saraus de poesia, varal cultural, zines³⁴, intervenções artísticas, danças, teatros, jornais, mostras de filme, shows, até debates e rodas de conversa acerca de algum tema pertinente. É importante falar que a cultura é transversal a todos os grupos mencionados, conforme Irene Cardoso nos alerta: “dentro do CA de agronomia a gente realizava várias coisas, dentre elas um mutirão artístico, que foi realizado no Recanto das Cigarras, fazendo então essa interface com a cultura, que hoje eu acho também que a gente vê pouco”. (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME). Mas existem e sempre existiram grupos que ficavam só por conta de atividades de cunho artístico e cultural, e se expressavam através desse modo. Novamente no relato de Irene Cardoso podemos entender melhor como eram esses grupos:

Então esse grupo que eu estava falando antes faziam várias atividades culturais ao longo do semestre, e uma intervenção na vida cotidiana dos estudantes, então uma vez, protestando não sei contra o que, eles se amarraram numa linha inteira nas 4 pilastras, cada um numa pilastra, ficou amarrado lá a manhã inteira; numa outra vez, numa das greves teve aula em janeiro e eles fizeram o verão superior, fazendo uma analogia a um curso superior, que é o slogan da Universidade, eles fizeram então o verão Superior, e foram de biquíni, sunga e sombrinha de praia pra frente do PVA; e eles fizeram também a primeira Expoasa, que ninguém sabia o que era isso, eles registraram, e a primeira Expoasa nada mais era do que a Primeira Exposição de Arte e sanidade. E eles fizeram então dentro do Fernando Sabino que na época não tinham as cadeiras daquele jeito, eles fizeram uma exposição com todos, eles foram em cada banheiro da Universidade, copiaram com papel transparente todas as frases que estavam escritas, pornográficas ou não nos banheiros, e reproduziu então o que estava escrito nos banheiros da Universidade lá no Centro de Vivência. E assim, o livro de entrada era um rolo de papel higiênico, tinha uma pia com patê e lentilha, um vaso sanitário com suspiro na forma de cocô, então eles reproduziram o ambiente de banheiro lá no Centro de Vivências, e isso tinha sido registrado como evento oficial, e na época um funcionário da Universidade quando descobriu o que era não ficou feliz e rasgou a exposição, foi motivo de sair em rede nacional, no Jornal Nacional (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

³² Grupo pela defesa da Diversidade Sexual.

³³ Grupo que promove ações e debates sobre o feminismo.

³⁴ Abreviatura de Fanzine, é um meio de comunicação independente.

Assim fica fácil perceber a gama de possibilidades e ações que podem ser feitas por todos esses grupos, a depender da sua criatividade e ação, e ainda, como algumas práticas eram tão inéditas que alcançavam reconhecimento nacional.

Em relação ainda ao ME alternativo, consideramos pertinente falar sobre o Movimento de Agroecologia (ver foto de oficina de Permacultura organizada pelos grupos agroecológicos no anexo 21, página 93), sendo um dos mais consolidados e mais antigos da UFV. Hoje existem três grupos que juntos formam o Mutirão Ciranda, com Sede na Casa 18 da Vila Gianetti: o GAO (Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica), o Apêti (grupo de Agrofloresta³⁵) e o Sauipe (Grupo de Saúde Integral em Permacultura³⁶). Atuando de forma interdisciplinar e construindo um processo de extensão popular em articulação com os trabalhadores rurais e movimentos populares da região, especialmente o MST e o MAB, organizam Mutirões, passeatas, Caravanas Agroecológicas e Terreiros Culturais pelas áreas rurais, além de encontros e feiras, com um viés não de levar conhecimento para o meio rural, mas para realizar trocas de saberes. Possuem também um grupo de almoço, e paralelamente a tudo isso fazem estudos teóricos e apresentação de trabalhos acadêmicos em Congressos pelo país, que denunciam as injustiças sociais e ambientais e convidam a comunidade acadêmica a resistir e a fazer práticas libertadoras.

Eles conseguem dessa forma realizar uma verdadeira Práxis revolucionária, tentando construir acúmulos para alterar a correlação de forças e contribuir no processo de hegemonia alternativa ou também conhecida como hegemonia popular, fazendo o resgate da cultura popular expressa no cotidiano das pessoas e contribuindo para sua politização, agindo como verdadeiros intelectuais orgânicos (Gohn, 2012, p. 187). Fazem, dessa maneira, ações que visam a mudança transformadora, e não apenas a denúncia da situação.

Esses grupos ganharam força na década de 1980, com estudantes organizando grupos de almoço vegetariano e práticas sustentáveis. Os estudantes tinham diversas áreas para experimentação e faziam um trabalho intenso misturando prática com teoria. Hoje, existem alguns professores que também tocam essa pauta, e nos relatos percebemos como muitos ex-militantes ainda trabalham com a agroecologia. A seguir colocamos um relato de Eduardo Guatemozin que mostra como se dava a divulgação desses grupos aos calouros:

³⁵O Sistema Agroflorestal (SAF), também conhecido como agrofloresta compreende um sistema que alia culturas agrícolas com culturas florestais provenientes da agrossilvicultura.

³⁶A permacultura é um método para planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana (jardins, vilas, aldeias e comunidades) ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis, respeitando os ciclos e o equilíbrio dos ecossistemas naturais.

Meu primeiro contato com o ME, se for pensar o primeiro contato mesmo, foi quando eu tinha acabado de passar na Universidade, não conhecia Viçosa, na verdade conhecia quando eu fui fazer a pré-matrícula, mas antes da pré-matrícula, uma semana antes, na época a gente tinha os grupos alternativos aqui bem organizados, e, se não me engano era o Gaave, o Grupo de Agricultura Alternativa de Viçosa, e a Feab, me mandaram uma carta, nominal, em casa ainda, antes de vir fazer qualquer matrícula, pré-matrícula, eu recebi uma carta da Feab e do Gaave, informando sobre as reuniões do grupo, e aí naquela época mesmo, estando em BH, com aquela carta em mãos, eu percebi que existiam pessoas que se reuniam e discutiam alguma coisa em Viçosa, não conhecia Viçosa, e vim pra cá até com essa intenção, de conhecer o grupo, entender o que era, e era uma carta interessante que falavam as propostas do grupo, enquanto uma realidade alternativa de agricultura, e a gente estava entrando na agronomia, parecia ser uma coisa interessante (ENTREVISTA de Eduardo Guatemozin realizada em agosto de 2012 para o PMME).

Podemos ver como esses grupos tinham iniciativas para atrair os calouros que chegavam à Universidade e como eram bem aceitas por alguns desses calouros que ficavam curiosos, despertando seu interesse para conhecer essas atividades.

3.4 Atividades e formas de financiamento

Cada uma das entidades estudantis existentes na UFV têm autonomia para encontrar a melhor forma de se organizar e realizar suas tarefas, mas grande parte principalmente das entidades tradicionais se divide em comissões ou coordenadorias, podendo ter uma Coordenação Geral ou um Presidente. Realizam algumas atividades para ganhar algum dinheiro, como festas, rifas, calouradas, entre outras. O dinheiro geralmente é usado para viagens para participar de Congressos ou Encontros Estudantis. Também podem fazer jornais – impressos ou digitais, informativos e formativos, realizar espaços de formação interno (para seus membros) e externo (aberto a quem quiser participar), convocar Assembleias para tomar decisões de modo democrático que envolvam sua base social, fazer análise de conjuntura, debates sobre temas pertinentes, realizar Semanas Acadêmicas, Seminários, avaliação das atividades que constroem, atos e passeatas, buscar parcerias com as demais entidades ou grupos estudantis, além de outros MS, dentre outras coisas.

Na verdade, existem inúmeras atividades que podem ser realizada por esses grupos, a depender do número, perfil e consciência social de seus integrantes. Mas na maioria das vezes eles fazem atividades para sua base social, participam das atividades do ME da Universidade, de reuniões com a Coordenação do curso no caso de CA's e DA's e com a administração da UFV, e participam de atividades pelo país, de acordo com o que possa lhes interessar.

Uma das atividades mais tradicionais organizada pelo ME é a Calourada Unificada e a elaboração do Manual do Calouro (ver anexo 22, na página 94). Todo ano nas últimas décadas o DCE em conjunto com os CA's e demais parceiros têm organizado a Semana da Calourada, geralmente o primeiro contato dos calouros com o ME. Com um tema central, oficinas, filmes, debates, distribuição do Manual do Calouro, e por fim uma grande Festa de Encerramento. O lucro da festa é dividido pelas entidades. Segue um relato também de Rafael Machado a esse respeito:

Meu primeiro contato com o ME foi durante as comemorações do calouro de 2011, aonde eu fui convidado para uma festa no porão, e onde eu conheci a maioria das pessoas que hoje são meus amigos, conheci a dinâmica cultural da vivência estudantil da UFV, conheci a Sede do ME, localizada debaixo do Centro de Vivência, e aonde eu entendi que aquilo era parte de mim, mesmo eu não sabendo ainda (ENTREVISTA de Rafael Machado realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

Outra importante ação são as ocupações, como medida extrema, depois de esgotada as negociações e processos legais, o ME decide radicalizar suas ações e opta por fazer ocupações como último recurso para garantir suas pautas de reivindicações. Já fizeram inúmeras ocupações de Reitoria, ocupação da SIF, da Pró-Reitoria de Administração, Reocupação do Porão do Centro de Vivências, etc. Confira um relato que fala de uma ocupação do Conselho Universitário – Consu (veja também a imagem dessa ocupação no anexo 23, na página 94 e 95): “em 2006 quando a Universidade tenta aumentar o preço do RU e a gente ocupa a reunião do Consu, com 300 estudantes, e a gente ocupa a reunião duas vezes, foi na época da eleição do Sedyama inclusive.” (ENTREVISTA de Eduardo Guatemosin realizada em agosto de 2012 para o PMME).

Uma atividade também histórica que muitos falaram nas entrevistas se refere à luta pela Assistência Estudantil (veja anexo 24, página 95). Os estudantes entendem que Assistência Estudantil é um direito dos estudantes e para isso se movimentam e realizam Campanhas para terem uma assistência boa, de qualidade, para baixar os preços do Restaurante Universitário - RU, multas na Biblioteca Central, taxas para pagar, diminuir as filas no RU, melhoras os alojamentos, etc. Deixamos um breve trecho do depoimento de Lourdes que retrata essa luta: “a gente já brigava por uma comida de qualidade, por menos filas, contra as multas enormes da Biblioteca Central (ENTREVISTA de Lourdes realizada em agosto de 2012 para o PMME).

A qualidade de ensino é uma importante luta que ocupa lugar central agenda do ME, onde seus militantes se mobilizam para manter uma educação pública e de qualidade na UFV, e para isso já denunciaram professores, pediram maiores salários para os professores, lutaram contra a mercantilização do Ensino, por mais verbas, fizeram greves, passeatas, piquetes, organizaram

Estágios de Vivência, cursos de profissionalização, e uma série de atividades para garantir e exigir um bom ensino para os estudantes.

O relato de Glauco Régis mostra como o ME era esforçado e estava sempre organizando eventos, inclusive eventos científicos com apresentação de trabalhos:

Eu ajudei a organizar um Congresso Nacional aqui, um evento que não existe mais, o Cibica. Congresso brasileiro de iniciação Científica em ciências agrárias. Uma coisa bem interessante, por iniciativa dos estudantes, um Congresso científico, que tinha apresentação de trabalho. E no ano seguinte, eu não sei mais se existe, a gente organizou o Enecs, o Encontro Nacional das Executivas de Curso. Participamos também de manifestação contra a venda da Vale no RJ, e vai todo mundo pra lá, e consegue ônibus, aquela loucura, e manifestação em Brasília, por direito à educação, e a gente conseguia fazer uma conversa sempre casada com os professores, a Aspuv³⁷, e por diversas vezes a gente levou vários ônibus de estudantes pra Brasília. (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Pelo relato, além de fotos e documentos fica fácil identificar as idas a Brasília, como uma das tarefas principais que também marcaram o ME da UFV, que diversas vezes foram junto com a Aspuv ou a ASAV (Associação dos Servidores Administrativos da UFV). Isso faz com que o movimento tenha ainda relação direta com outras categorias e com os principais acontecimentos políticos do país. Outra característica do movimento era de ser contra a venda da Vale e pela Soberania do Brasil.

Uma curiosidade se refere às diferentes formas de financiamento dessas iniciativas do ME, que se modificou em alguns momentos, ora sendo mais fácil e ora mais difícil. Confira os relatos: “A gente pagava uma mensalidade, isso eu me lembro, e com ela a gente financiava as atividades do ME. Todos os estudantes pagavam essa mensalidade.” (ENTREVISTA de Valéria Vitarelli realizada em Março de 2012 para o PMME). “O financiamento se dava pelas carteirinhas estudantis que o DCE fazia.” (Entrevista de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME). De acordo com Irene em sua época:

A gente fazia muito pedágio, fazia festas pra arrecadar dinheiro, e a Universidade acabava apoiando muito também, mesmo sendo na Ditadura, final da Ditadura, a Universidade ajudava com passagem pra gente ir para os Congressos. Não sei como é agora, mas naquela época a taxa que era paga para a gente ter a carteirinha de estudantes, essa taxa era repassada para o DCE também. Uma das estratégias que nós do CA utilizamos foi organizar vários cursos, cursos com os estudantes de Pós-graduação da Universidade, cursos técnicos, então guaraná, cacau, tudo, a gente organizava cursos de tudo, e pra participar dos cursos a única coisa que os estudantes precisavam era pagar a mensalidade do CA, que era

³⁷ Seção Sindical dos Docentes da UFV.

baixíssimo, sei lá, R\$0,50. Mas com isso o estudante ia até o CA, pagava, e fazia parte desses cursos (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Vemos que hoje em dia não existe mensalidade e nem o dinheiro das Carteirinhas Estudantis ficam com o movimento, o que provavelmente se perdeu em algum momento da História e nunca mais foi retomado. Carolina Leonor nos conta que o movimento já tentou anos atrás retomar essa idéia de ficar com o dinheiro das carteirinhas, mas foi impedido pela Administração da Universidade. E ainda, podemos conferir o relato de Maria Cortês, que comenta sobre um momento mais recente, do final da década de 1990:

O financiamento era a parte mais difícil da história né, porque pra além de poucas pessoas pra trabalhar, nós tínhamos dinheiro nenhum, não tinha reserva nenhuma, mas tínhamos que pagar conta telefônica, nós tínhamos dois telefones na época, tínhamos que dar conta de pagar viagem, ônibus, enfim tinha um custo fazer política no ME, fazer o ME, fazer acontecer, isso tinha um custo, e a gente não tinha nenhuma renda, porque da carteirinha de estudante era algo que ajudava, mas não era isso que fazia a diferença. Então só tinha uma única forma de conseguir dinheiro, era fazendo festa. (ENTREVISTA de Maria realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Porém, é importante perceber que a festa não era de qualquer jeito, com o único objetivo de arrecadar dinheiro, mas tinha toda uma consciência social por trás:

Só que a gente não queria fazer festa pela festa, só pra arrecadar, a gente queria fazer uma coisa bacana, que deixasse algo especial para os estudantes, não queria oferecer qualquer músico, reunir ali em qualquer lugar, a gente queria fazer coisas elaboradas. Tinha um espaço do barzinho, que era um espaço que aglutinava pessoas, então a maioria das festas a gente fazia ali. (ENTREVISTA de Maria realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Atualmente o ME vive a seguinte situação em relação aos seus recursos financeiros: “Teoricamente era para ter (autonomia financeira), mas temos uma dívida histórica de um pula roleta de 1998, aonde o dinheiro e os tickets sumiram e a Universidade processou o DCE. O nosso foco de renda seria o Barzinho, só que hoje em dia essa renda toda vai para manutenção dessa dívida.” (ENTREVISTA de Rafael Machado realizado em Agosto de 2012 para o PMME).

Os militantes alegam, portanto, que o DCE possuem uma dívida desde a década de 1990 por causa de atividades e atos que fizeram contra o aumento do preço do Restaurante Universitário (RU), entre outros, o que os dificulta a financiar as suas atividades.

3.5 Recrutamento De Novos Militantes e Disputas Internas

Um ponto importante de ser comentado é a entrada desses estudantes no ME. Acreditamos que o que atraía os novos membros e o que fazia os antigos membros se interessarem neles é também interessante de saber para reflexão. Com o relato de Maria podemos identificar como os estudantes mais questionadores se aproximavam e eram logo identificados e chamados para participar do DCE:

A primeira impressão que eu tive é que era um povo atuante, estudantes mobilizados, politizados, e eu fiquei fascinada com aquele universo. Depois eu fui perceber que aquelas pessoas tinham uma história, tinham uma formação política pra estar ali. Houve um chamado do DCE, lá no início de 96, pelo mês de maio, por aí, e uma das pautas era alojamento. Ai eu falei "ah então eu tenho que ir né". E fui numa assembleia, e achei aqueles estudantes tão politizados, e aquele movimento enorme em prol de melhorias mesmo pros estudantes e eu falei "que coisa bacana". E ai consegui me colocar, coloquei as minhas angústias, na época né, com esse sistema de seleção, e os critérios para entrar dentro da Universidade, dos alojamentos. E a partir daí o pessoal que estava ali, conduzindo o DCE, a gestão de 96, ai terminou aquela assembleia, tiveram vários pontos, entre eles esse da moradia estudantil, e ai eles me chamaram para uma conversa. E ai me convidaram pra apresentar melhor o DCE, pra falar como as coisas aconteciam, de onde eu tinha vindo, que tinham gostado de mim, do meu posicionamento na assembleia (ENTREVISTA de Maria Cortés realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Ela nos mostra também o deslumbramento que é para alguém que chega na Universidade, ver estudantes atuantes, politizados e organizados, o que colabora para esses novos sujeitos se animarem para fazer parte desse grupo. Outro relato mostra também outras formas que se dão a entrada de militantes para o ME:

Eu comecei com o ME de agronomia, e comecei num Conea, o Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia, em 91, teve um CONEA em Cuiabá. O pessoal divulgou o Congresso, o evento, e ai eu fiquei bem interessado, achei aquilo muito diferente, e ai eu me interessei por aquelas pessoas, aquele movimento, aquele negócio de viajar, conhecer outros lugares, fazer coisas diferentes do que só a vida universitária (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Assim vemos que as viagens também são boas oportunidades e espaços muito favoráveis para se aproximar do movimento, conhecê-lo a nível nacional e entender um pouco de sua organização. Fica fácil também com esses relatos entender porque os membros do ME geralmente

necessárias para se chegar a um consenso, tendo em vista que esses conflitos internos podem se dar de forma saudável, objetivando a construção de uma identidade.

Muitas reuniões especialmente do DCE e do CCA são espaços de grandes conflitos e disputas, o que algumas vezes afasta pessoas novas, que no geral não gostam disso. Isso porque, como já falamos, existem diversos pontos de vista entre os seus membros, além de múltiplas expectativas e concepções diferentes.

É ruim quando esses conflitos se tornam ofensas e embates mais graves, o que é prejudicial para todos os lados. Corroborando com esses argumentos, Jennifer Medeiros completa, sobre a atuação das Chapas para disputar o DCE em 2001:

são aqueles estudantes mais críticos, com atitude, posicionamento político, que falam bem e tem posição firme sobre as coisas.

O sentimento de insatisfação com o modo de administrar a Universidade existe em muitos militantes do ME, que o despertam para as ações do Movimento. Desse modo, podemos identificar o sentimento de opressão na entrevista de Rafael Machado, como um dos motivos principais que o fizeram conhecer e estabelecer contato e identificação com o ME, que se referem ao desgosto pelo atual modelo de Educação e Universidade, e a vontade compartilhada de transformação:

Eu fui me aproximando do ME pelas questões políticas da Universidade, por ver como o Projeto da Administração reinava na Universidade, e por acreditar em outro projeto de educação, por ver que havia muitas coisas irregulares, como obras, falta de professores, por uma dinâmica onde os estudantes sejam mais participativos, pela construção de uma Universidade mais horizontal, que respeite a dinâmica de cada indivíduo. Eu acho que o ME tem isso como característica, lutar por espaços de educação mais igualitários para todos e todas. (ENTREVISTA de Rafael Machado realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

Afirmamos também como a escolha pra reitor (veja ato para escolha do Primeiro da Lista em 2000 no anexo 25, página 95 e 96) é outro elemento extremamente importante para o ME, sendo marcado por conflitos internos e externos ao movimento. É também um bom momento em que os estudantes da Universidade estão mais abertos para falar e entender da política da Instituição, bem como para se aproximar e entrar no ME, assim como podemos reconhecer no relato de Claudinei Fávero, que mostra um processo muito importante, a escolha do Reitor da Universidade, e a luta pela democracia, e como esse momento é rico e pode atrair estudantes para o ME:

Todo o ME estava voltado para esse processo eleitoral de escolha do reitor. E a gente não conhecia o ME...

Outra característica bem forte é a construção de identidade do Movimento. Entendemos o termo identidade como “o compartilhar de várias ideias de um determinado grupo, percebida pela diferença em relação aos outros grupos, onde alguns autores, como Karl Mannheim, elaboram um conceito em que o indivíduo forma sua personalidade, mas também a recebe do meio, onde realiza sua interação social” (Dalberio, 2012, p. 90). Ou seja, o que unifica os militantes e os fazem ter um vínculo entre si, os fazendo se entenderem como um grupo com algumas características e valores em comum, através de bandeiras, nomenclaturas, gírias, músicas, roupas, palavras de ordem, charges, etc (anexo 26, página 96 e 97), o que fortalece a criação de identidade e unidade, enquanto grupo e o reconhecimento entre seus membros. A própria organização e vivência das atividades faz os militantes conviverem muito tempo juntos, criando uma amizade, confiança e fortalecendo esse vínculo. A solidariedade também marca forte presença, especialmente entre estudantes de um mesmo grupo político, pois eles vivenciam as mesmas conquistas, derrotas, desejos e lutas. Algumas práticas também servem para reforçar essa solidariedade, como diversas dinâmicas. (anexo 27, página 97).

Em relação a Sede do Movimento, a primeira Sede do ME que temos notícia foi onde hoje é a UFVCredi. Podemos ver que os militantes gostavam daquele lugar, vendo como um espaço tão importante e produtivo, ou mais, do que as salas de aula: “sua Sede era menor e funcionava onde hoje é a UFVCredi. Cardoso explica melhor como era isso: “O DCE funcionava no Barracão, que é onde é hoje a UFVCredi, era aonde foi a Primeira Escola de Floresta, hoje o Barracão está remontado lá na Silvicultura. E a gente falava então que tinha duas Universidades, a Universidade da sala de aula e a Universidade do Barracão. (ENTREVISTA de Irene Cardoso ao PMME realizada em abril de 2012).

Alguns estudantes consideram os locais do Movimento como “sua segunda casa” (relato de Rafael Machado³⁸ para o PMME, que já foi bolsista da Biblioteca), como a Bibliotequinha do DCE que fica no Porão do Centro de Vivências, Sede do ME tradicional.

No depoimento de Márcia Fagundes, estudante de agronomia da UFV no final da década de 1970, podemos perceber como alguns estudantes se sentiam bem na Biblioteca do DCE, se caracterizando, portanto, como um ambiente acolhedor e agradável, que contava com um bom espaço e diversos móveis e objetos. Vemos também a importância que se dava a biblioteca e o seu poder simbólico e político já naquela época, e como a “cabeça pensante” do DCE se preocupava com leitura de livros e músicas. Além disso, percebemos como é positiva a característica da UFV de agregar estudantes de diversas partes do país. Identificamos elementos considerados de esquerda,

³⁸ Estudante do curso de Cooperativismo e atual militante do ME da UFV.

como o Jornal *O Pasquim*³⁹, que além de criticar a Ditadura Civil-Militar, também apresentava posições feministas;

Eu senti a necessidade de procurar um lugar onde eu me sentisse bem aqui né, no ambiente da UFV, fora das aulas. E esse lugar eu achei, que era a Bibliotequinha Central dos estudantes. era um prédio antigo, do lado do Bernardão, que hoje funciona uma cooperativa de crédito. Aí era onde funcionava a Bibliotequinha, o CineClube, teatro e a parte administrativa do DCE. A bibliotequinha era aquele vão maior, onde a gente tinha espaço, sofás, cadeiras, e já tinha bastante livro. E lá eu ia ouvir música, e lá eu encontrei com uma turma de pessoas, tinha pessoas do Piauí, do sul de Minas, outros mineiros, o pessoal do Sul, que era assim uma turma politizada, muito bacana e foi o pessoal que me acolheu ali na bibliotequinha. Então ali tinha os melhores jornais que circulava na época, de imprensa nanica, lógico, o Movimento, Pasquim. Tinha os melhores discos, as melhores músicas, e bastante livros, romances, muitos livros bons. Então foi ali que eu fiquei, e esse pessoal, na verdade o pessoal da bibliotequinha era assim tipo a cabeça, pensante, política, do DCE. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Glauco Régis completa explicando seu orgulho pela Biblioteca, e a importância de se ter um instrumento completamente administrado pelos estudantes:

A bibliotequinha é muito antiga, quando eu cheguei na Universidade ela já era uma coisa muito antiga e histórica, e era um orgulho porque ela sempre foi administrada pelos estudantes, então a Bibliotequinha era um espaço basicamente estudantil, gerido, pensado, organizado pelos estudantes e para os estudantes, era bem interessante esse espaço. (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Nos depoimentos também encontramos muitos relatos sobre o Porão do Centro de Vivências, que é a Sede administrativa do ME tradicional desde a década de 1980 até os dias atuais, além de também possuir um poder simbólico muito grande para os militantes do ME. Assim, Glauco Régis, nos conta que:

O porão era o espaço de reunir, o espaço de tudo, e lá ficava o DCE e todos os Centros e Diretórios Acadêmicos (CA's e DA's) da época. E era muito intenso no horário do almoço, de 12:30 as 14:00, era muito intenso, sempre tinha muito movimento, vários CA's tinham reuniões, reuniões do Conselho de Centro Acadêmicos, o CCA, e juntava as pessoas lá, as vezes tinha reunião a noite mas a efervescência era na hora do almoço, onde as pessoas se reuniam, se encontravam, os estudantes iam lá procurando alguma coisa também, especialmente os calouros, alguma informação, a gente tentava também fazer um espaço de convivência para as pessoas, e a gente ficava tanto tempo que era nossa segunda casa. (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

³⁹ Editado entre 1969 e 1991, é reconhecido por seu papel de oposição à Ditadura Civil-Militar.

Com esses relatos percebemos a influência e o poder simbólico⁴⁰ do Porão e da Biblioteca do DCE, e a aproximação que esses espaços tinham com os estudantes, sobretudo os que chegavam na Universidade. A localização da Sede do ME antiga talvez tenha contribuído mais para uma maior visibilidade, pois se situava do lado do Bernardão, onde hoje temos a UFV Credi, e não em um Porão quase que escondido. Sabemos que boa parte do ME foi para o Porão durante a Ditadura Civil-Militar, na década de 1980, talvez com esse objetivo, de ficar mais “escondido”. Até hoje, o ME ainda permanece no Porão, e continua vítima de certo descaso e abandono por parte da administração da UFV e até dos estudantes.

3.7 Movimento Estudantil e Partido Político

A busca de autonomia e independência do movimento em relação à Reitoria, Partidos Políticos, Governo, ONG's, etc, é uma vontade por parte de diversos militantes do movimento, como identificamos no seguinte trecho da fala de Glauco Régis:

A Universidade precisa do ME, então eu desejo que ele aconteça, que seja independente. Que o ME nunca perca sua independência e autonomia, que ele seja sempre gerido pelos estudantes, e que a partir das demandas dos estudantes que ele se faça. A partir da realidade que existe, que está sempre se transformando, porque o estudante está passando, vai mudando, mas que ele se faça a partir do cotidiano dos estudantes (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Porém, é também difícil de acontecer, e inclusive pode causar confusão e desentendimento nos estudantes, tanto membros do ME quanto da base, dependendo do ponto de vista, pois existem aqueles estudantes, por exemplo, que fazem parte também de um Partido Político, e aqueles que não fazem. Em alguns casos os primeiros têm certa dificuldade em manter o Movimento totalmente independente de seu Partido, o que os segundos chamam de aparelhamento⁴¹. É Tuwile Jorge⁴² que

⁴⁰O poder simbólico para Bourdieu é esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. Para mais informações ver <-> ou o livro: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

⁴¹ É acusado de aparelhar uma entidade o estudante ou o grupo político que se utiliza dessa entidade para seu proveito próprio e autoconstrução, ou para implementar a sua política ou a de seu Partido ou grupo Político, muitas vezes através de posturas anti-democráticas e sem transparência financeira na gestão da entidade.

nos conta como essa prática pode ser nociva para o conjunto do ME, pois afasta os estudantes, causando perda de legitimidade perante a base estudantil: “O DCE todo ano acaba sendo aparelhado por algum partido político, por isso eu não confio e não me aproximo dele. Isso é muito ruim para o movimento e compromete sua atuação”.

Outra prática negativa observada por alguns estudantes que também compõe os partidos políticos é a ideia leninista de que o Partido deve agir enquanto vanguarda de classe, (Gohn, 2012, p. 179) devendo ser, portanto, o responsável por “dar a linha” ao Movimento, conforme podemos perceber na seguinte fala de Guilherme⁴³, militante do PT e ex-militante do ME e da Direção da UNE: “O ME tem que aprender a seguir o que aconselha o Partido Político, pois o movimento tem uma visão parcial da realidade, enquanto o partido tem uma visão mais ampla e geral da sociedade.” Assim, esses estudantes passam por cima da autonomia e independência dos MS e fazem com que a direção do movimento venha de fora dele, de um partido político, que as vezes nem sabe o que realmente se passa internamente, e também acabam por aparelhar o MS. Isso é ruim não só para o movimento em si, mas para sua base social, que se sente como marionete e massa de manobra.

Os partidos políticos frequentemente são acusados de aparelhar as entidades, como, por exemplo, quando seus militantes tentaram fazer suas entidades apoiarem seus candidatos que concorriam tanto a cargo de vereador da cidade como a cargos na própria Instituição. Esse pode ser um grande problema e trazer confusões, já que os militantes partidários acabam se sentindo na obrigação de apoiar de alguma forma o seu Partido em alguns momentos decisivos, transferindo esse objetivo de certa maneira para o movimento que faz parte.

Assim, podemos ver que os militantes do ME que também eram ligados a partidos políticos acabam observando mais o lado positivo da participação dos partidos no ME, como podemos ver no seguinte trecho do depoimento de Irene Cardoso, que nos mostra um pouco da polarização política existente na UNE e na Feab, e fala que isso causa brigas, mas é bom por politizar o debate e alinhar os debates do ME com as discussões políticas nacionais:

A relação com a UNE era muito interessante porque era de briga, como sempre né, por causa dessa polarização política, então a UNE, enquanto a Feab estava no nosso campo, mais ligada ao PT, a UNE estava mais no campo ligado ao PCdoB, os estudantes acham isso muito ruim, eu acho isso muito bom, porque isso politiza, você discute politicamente, você não pode é atrelar o ME a isso, agora ter as posições políticas, e discutir alinhado com as discussões políticas que acontecem no Brasil, eu acho que esse é o caminho mesmo (Depoimento de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

⁴² Formou em Geografia em 2014 e foi do ME da UFV.

⁴³ Fala em um espaço do Seminário de Formação e Planejamento do DCE realizado em 2011.

Podemos concluir que a atuação em conjunto de Movimentos Sociais e partidos políticos marcou em diversos momentos o ME da UFV e pode ser muito proveitosa, onde um ajuda e complementa a atuação do outro, desde que se considere o respeito, independência e autonomia de cada instrumento político.

4 Percepções e Reflexões

Com essa breve passagem pelos principais momentos vividos pelos estudantes da UFV mobilizados no ME, percebemos que o movimento tem optado pelas práticas sociais ligadas a luta de classes⁴⁴, escolhendo o lado dos oprimidos, utilizando de estudos teóricos combinados com a prática da ação, e se colocando muitas vezes na linha de frente das principais lutas e acontecimentos políticos do país, sem deixar de lutar por melhoras na Universidade, entendendo a importância da produção de grande acúmulo de forças para a superação do modo de vida que temos levado, mostrando se tratar de ações com viés crítico e transformador. Assim, estamos de acordo com Freire (1987, p. 17) quando ele fala que a opressão e suas causas são objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação.

Ao defender um projeto de transformação social, alicerçado em demandas fundamentais das classes populares, o movimento estudantil acaba geralmente adquirindo um caráter de construção de uma hegemonia alternativa ao se chocar com as normas e estruturas da sociedade vigente, podendo levar a processos de resistência e lutas sociais. E o que vemos acontecer ao longo da História do ME da UFV. Essa ideia nos remete também a análise de que a conquista da hegemonia mobiliza para construir um projeto alternativo de sociedade (Semeraro, 2007).

Assim, o Movimento estudantil mostrou que estuda e analisa bastante o processo em curso na Universidade e no país, seja em reuniões, assembleias, seminários, cursos, estudos, e a partir daí muitas vezes resolvem fazer alguma ação concreta para conquistar as suas reivindicações e posições, o que nos faz supor, portanto, que durante o processo de organização que as classes sociais buscam a construção da hegemonia (Zientarski, et al, 2009, p 03).

Consideramos que a práxis marxista também esteve orientando as ações do ME da UFV durante diversos períodos, sendo o movimento marcado por pessoas que se consideram marxistas (ver anexo 28, na página 97 e 98), e assim, concordamos com Gohn quando ela afirma que “o marxismo não é apenas uma teoria explicativa da realidade, mas também orientadora da ação dos movimentos que se afirmam enquanto marxistas” (2012, p. 173).

Dentre as principais ações do ME da UFV, destacamos a contribuição para a implementação das ações afirmativas na Universidade, o fortalecimento da democracia universitária, da qualidade de ensino e da assistência estudantil, e o debate e práticas acerca da agroecologia. Podemos perceber em diversos momentos a luta estudantil pelo compartilhamento da ideia de superar a carência econômica (melhora no alojamento, abaixar o preço de RU, diminuir as taxas da UFV, etc)

⁴⁴ Termo utilizado pelos comunistas Karl Marx e Frederick Engels para designar o confronto político entre oprimidos e opressores, considerados para eles como fazendo parte de classes antagônicas. Para mais informações ver MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Estudos Avançados, Volume 12, num. 34. São Paulo, 1998.

ou alguma opressão (como na época da Ditadura Civil-Militar), motivo que fortalece a mobilização dos estudantes, especialmente os de baixa renda, moradores do alojamento universitário.

Conseguimos identificar também algumas questões marcantes que fizeram parte do ME da UFV, como alguns locais que eram considerados “sua segunda casa” (relato de Rafael Machado⁷ para o PMME, que já foi bolsista da Biblioteca), como a Bibliotequinha do DCE que fica no Porão do Centro de Vivências, Sede do ME tradicional. Atualmente é um local que está fechado para reformas, encontrando-se assim há mais de um ano. Mas funcionava até antes do incêndio no Porão ocorrido em 2011 (falaremos melhor disso adiante).

Identificamos também algumas palavras de ordem, tais como: “Das ruas, das praças, quem disse que sumiu, aqui está presente o Movimento Estudantil”, que foram usadas em diversos momentos do ME nas últimas décadas, como nos contou Sílvia Ferrari; bandeiras de luta, se destacando a da agroecologia, que de acordo com Márcia Fagundes: “a bandeira era e ainda hoje é essa: Pela agroecologia, agrotóxico não! Pois provoca doenças, provoca câncer, jogando veneno no meio ambiente desnecessário”. E Maria completa:

Agroecologia não é só de agricultores, é uma opção de vida, de vida melhor, de vida saudável. Em que pessoas e natureza caminham juntas, parceiros. O Homem não é melhor que a natureza, que o ambiente. O ambiente está também em primeiro lugar. E nós somos meio ambiente. Então essa é nossa bandeira de luta. A bandeira de luta é a bandeira da sustentabilidade, da igualdade, da democracia, dos direitos pra todos (ENTREVISTA de Maria Cortês realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Assim, vemos que esses estudantes entendem que a agroecologia com viés de respeito e equilíbrio com os ecossistemas. Ao longo das entrevistas percebemos também como a agroecologia esteve muito presente no ME da UFV. E podemos ver que muitos ex-militantes atualmente ainda trabalham com essa questão, como conta Maria: “hoje o meu trabalho é uma militância, porque eu trabalho com transformação social, eu trabalho com agricultores, agroecologia, com escolas rurais”.

A partir de códigos e significados existentes, relacionados com o contexto em que vivem, podemos observar alguns dos símbolos, crenças e valores criados a partir das lutas. Desse modo, podemos identificar no depoimento de Márcia Fagundes que os estudantes logo que chegavam até a Biblioteca do DCE na década de 1970, recebiam orientações para ler certos livros, que falavam sobre o comunismo e a esquerda. Essa pode ser identificada como uma tentativa de aproximar os novos integrantes das crenças, ideias e valores que predominavam parte do ME na época:

Pra começar pra gente entrar naquele ambiente (a Bibliotequinha) tinha uma lista de livros, só livros super interessantes, como “A vida de Luiz Carlos Prestes - O Cavaleiro da Esperança”, de Jorge Amado, “Seara Vermelha”, de Jorge Amado também, o “Incidente em Antares”, “O Poder Jovem”, friso esse livro, é fundamental, “História da riqueza do

homem", "A Ilha", "A revolução dos bichos", e outros. Então era tipo assim pré-requisito, então a gente já entrava e já começava a ler um outro tipo de leitura, superbacana. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Outra coisa é que podemos perceber que esses livros têm uma consciência social, são livros sobre o comunismo, críticas ao modo de produção capitalista, enfim, livros considerados de "esquerda", o que nos faz perceber que o ME geralmente foi marcado por ideais progressistas. Vemos também que a formação política através de leitura de livros históricos era muito frisada na época.

Outra observação é que muitos militantes reconhecem que o Movimento Estudantil é uma grande escola, onde muito se aprende, o que tem influência no futuro de cada indivíduo e na sua escolha e atuação profissional. Maria Cortês, por exemplo, fala um pouco da importância de militar no ME, como um grande momento de se aprender muitas coisas e criar responsabilidades, tendo que organizar diversas tarefas. Outro fato interessante é a sua percepção de que hoje os estudantes vêem o movimento como mais político. Porém, isso pode mostrar que as atividades culturais e outras não tão claramente ligadas à política, mas que são também políticas, mesmo que indiretamente, talvez tenha diminuído. Outra questão que ela retrata é que não se dá para passar no ME superficialmente, sugerindo que o movimento é muito intenso, e seus membros entram a fundo e se envolvem bastante com ele, inclusive superando divergências em prol de algo maior:

Foi uma lição de vida pra mim e eu acredito que pra todo mundo que passou. Então a coisa faz você acordar pra vida né, e ver que você tem responsabilidades. Hoje eu trabalho, eu acho que eu faço o que eu faço porque eu fui do DCE. Acho não, tenho certeza. Isso tinha que estar no meu currículo. O meu trabalho é uma militância. Eu posso estar equivocada mas sinto que as pessoas que estão no ME hoje são menos ingênuas. Ela sabe que é um espaço político, um espaço de luta, um espaço que aglutina pessoas em prol de lutas mesmo né, das mais variadas formas, seja por um curso mais decente, por professores mais responsáveis, por vagas, pelo que for, mas é um espaço político. Nós nos tornamos diferentes quando nós passamos por um processo como esse, que é um processo intenso. Eu acho que não tem como você passar pelo ME superficialmente. Isso é uma escola fantástica aprender a conviver com as diferenças. O ME não é todo mundo pensando igual, se fosse não faz sentido. Mas todo mundo pensando que é possível a mudança. Que a gente pode ser melhor, e que a gente pode fazer com que a nossa sociedade, o nosso contexto social, o nosso lugar seja melhor. (ENTREVISTA de Maria Cortês realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Glauco Régis também diz sobre o que ganhou com o ME, afirmando ser um espaço por diversas vezes mais válido do que a sala de aula, inclusive, como falamos, para contribuir na profissão:

Eu considero que aprendi mais com o ME do que na sala de aula, eu uso mais hoje na minha atuação profissional os aprendizados do ME, as experiências do ME do que propriamente dito da formação acadêmica na sala de aula do meu curso, de agronomia. Eu acho que a formação do ME foi de conhecimento da realidade brasileira, eu fiz estágios de vivência, eu viajei para vários lugares do Brasil, conheci outras Universidades, discuti projeto político de Universidade, projeto político de país, e isso marcou profundamente minha formação enquanto pessoa e a definição da minha linha de atuação profissional. (ENTREVISTA de Glauco ao PMME).

Deixamos também o relato de Rafael Machado que apesar de ainda fazer parte do ME, já reconhece sua importância, lembrando que o aprendizado que se obtém no movimento é diferente do que aprendemos com o curso, sendo mais voltado para a realidade brasileira, mostrando mais uma vez o caráter de construção de uma hegemonia alternativa dos militantes que muitas vezes “remam contra a maré” na Universidade:

O ME contribui para minha formação acadêmica, porque perante ele eu consigo conhecer outros teóricos que não são citados pela Universidade, consigo ter um conhecimento mais orgânico e com a realidade brasileira. Gostaria de dar meus parabéns para o ME de Viçosa pelos 40 anos de reativação do DCE, dar parabéns para todos que constroem essa História, desde o início da UFV, fazendo as primeiras marchas Nico Lopes, e as pessoas que estão hoje em dia, que buscam uma nova maneira de fazer ação e fazer essa Universidade. (ENTREVISTA de Rafael Machado realizado em Agosto de 2012 para o PMME).

Reconhecemos que a época da Ditadura Civil-Militar foi muito difícil para os militantes do ME, onde a organização e entidades estudantis eram consideradas ilegais e proibidas, inclusive as atividades culturais. Márcia Fagundes, militantes dessa época afirma que o movimento hoje está melhor que antes:

Eu acho que o ME hoje está melhor, não tem consideração, esse ambiente de poder conversar, de poder denunciar, informar, mobilizar, com o poder da força que é a mobilização, grupos organizados, então com certeza está muito melhor. É importante ouvir os estudantes mesmo, o jovem, eles tem tempo, amor, dedicação, pelas causas, eles não tem essa intenção, essa coisa tendenciosa, que só pensa no capital, no lucro, então teria que se ouvir mais o jovem, e os estudantes. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Mais a frente na entrevista de Márcia Fagundes temos outra peça fundamental da época, sobre a Biblioteca do DCE:

O presidente do DCE ouvia a gente (da Bibliotequinha), e a gente que decidia os shows que iam ter e tal, e começava mesmo um trabalho de informação, ia chegando muita gente, a cada ano entravam calouros, e eu via aquele tanto de

gente, e haviam pessoas que traziam notícias de todo canto, Nicarágua, Moçambique, a Guerrilha do Araguaia. Notícias, como que estavam, porque esse período foi um dos períodos que mais morreram, e desapareceram gente. Que foi no Governo Médici, e ninguém sabia, o Brasil não sabia o que estava acontecendo. Mas a gente conseguia informações bem precisas, bem recentes, e pregava em mural, e tal, então eu acho que a própria UFV já começou a sacar quem era aquela turma, aquele pessoal, tinha uma tal da lista verde, e o nome da gente provavelmente estava lá, e agente era uma turma visada, já começava assim. (ENTREVISTA de Márcia Fagundes realizada em Junho de 2012 para o PMME).

Nessa parte fica visível a importância e o peso político do pessoal que participava da Biblioteca dos estudantes, e como eles tinham uma rede de articulações e contatos com as principais movimentações estudantis da época. Apesar de Viçosa se situar no interior de Minas Gerais, os estudantes tinham boas informações do que se passava no país, mostrando a influência e participação estudantil de Viçosa na vida política do Brasil. Também podemos identificar através dessa “lista verde” como era forte o peso da Ditadura e o controle dos estudantes.

É curioso esse nome, pois em outros lugares conhecemos as chamadas “listas negras”. Mas na UFV era a lista verde, nome sugestivo. Não sabemos com exatidão o porque desse nome, mas podemos supor que tem a ver com a questão da grande disputa da UFV em relação a agronomia. Os estudantes já naquela época estudavam sobre agroecologia e se colocavam contrários ao modelo dos pacotes tecnológicos e da chamada Revolução Verde.

Algo que vemos pouco é em relação aos erros cometidos pelo ME. Acreditamos que o reconhecimento desses erros é essencial para sua superação, e toda organização estudantil que não abre espaços para críticas e mudanças e não faz avaliação de suas atividades está fadada a desconfiar. Assim, uma das perguntas aos entrevistados era justamente sobre os erros cometidos pelo ME na sua época. E tivemos algumas respostas interessantes: “Então a gente administrava as coisas dessa maneira né, com poucas pessoas, e tentando, foi um erro também né, nós faríamos diferente se pudéssemos, abraçar tudo, então era melhor se não tivéssemos abraçado” (Depoimento de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME).

Esses dois problemas são perceptíveis em diversas fases do ME, a saber, tanto os poucos estudantes que faziam parte do Movimento, especialmente em relação ao número total de estudantes, e a vontade de abraçar o mundo e fazer tudo ao mesmo tempo. Se até a década de 1980 tinham em média 5 mil estudantes na UFV, na década de 1990 esse número já é maior, e atualmente a quantidade de estudantes chega a 12 mil. E a quantidade de militantes do ME não chega nem a 500. E mesmo assim, em todas as épocas percebemos essa questão dos membros das entidades quererem fazer muitas coisas, até mais do que estava ao seu alcance. Isso faz com que as poucas pessoas do ME trabalhassem demais, como vemos no seguinte trecho:

Trabalhamos demais, aí escrevia os textos, e formatava os jornais, e meio-dia a gente entregava os jornais, e era aquela coisa doida, mas ao mesmo tempo o porão era um porão muito vivo, os CA's todos preenchidos, não tinha um CA fechado. Apesar da luta, eu não dormia, fiquei um ano sem dormir, para os estudantes de uma maneira geral; era o tempo todo trazendo assuntos que a gente achava que seriam de interesse desses estudantes, e muito jornalzinho né. (ENTREVISTA de Maria Cortês realizada em setembro de 2012 para o PMME).

Mas uma vez percebemos como o Porão e a formação política estavam sempre presentes na vida do ME. Importante perceber o conteúdo desses jornais: "aí sempre tinha algo para as mulheres, a discussão de gênero, algo sobre raça e etnia, alguma coisa voltada pra discussão política vigente no país naquele momento, algo sobre a Universidade, e aí era muito fácil porque não faltavam problemas né" (ENTREVISTA de Maria Cortês realizada em setembro de 2012 para o PMME).

4.1 Desafios

Um desafio que o ME enfrentava na década de 1990, é que até a alguns anos atrás não existia internet, e a comunicação era um pouco mais complicada do que hoje em dia, porém os militantes se esforçavam mais para passar o seu recado ao conjunto de estudantes. E outro grande problema foram as privatizações, que ocorreram, sobretudo na década de 1990 no Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Para elucidar essas reflexões deixamos o seguinte trecho:

Outro contexto interessante era que a tecnologia não tinha chegado, então a gente não tinha celular, e não tinha internet né, e hoje o pessoal fala "Como que faz ME sem internet?" Sem email, sem MSN, né. Então, a gente fazia. A inovação que existia era o fax. O fax era assim o auge né, você conseguia mandava mesma carta para todas as Universidades do Brasil, mandava uma Convocação. Uma plenária, um Informativo, que ia ter um Congresso da UNE (Conune), as datas e tal, como era que ia tirar delegados, era tudo por correio comum. Chegava por carta, por fax, a gente mandava fax. E fazia ME assim. Às vezes não conseguia, mas pegava o telefone e ligava pra 54 escolas do Brasil, informava data, uma reunião importante que ia ter, um Congresso. Outra questão era que a gente discutia que tinha uma iminência clara da Universidade ser privatizada, e a gente ter que pagar mensalidade, e aí a gente fazia as Assembleias, o DCE puxava as Assembleias, a gente ia, e o que ficava na pauta era essa discussão: olha, será que nós vamos acabar pagando as mensalidades? Quem vai pagar? A gente ou nossos filhos, alguém vai pagar porque essa Universidade corre o risco de acabar, então era muito forte a defesa da Universidade pública, a gente tinha essa força né (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Uma das coisas que podemos identificar como transformação na UFV é que até a década de 1990 haviam em média 5 mil estudantes na Universidade, o que faz muita diferença até para a dinâmica do ME, pois todo mundo se conhecia, e assim o próprio diálogo também ficava mais fácil. Observe nesse depoimento:

Outro contexto era que a UFV era bem menor, tinha 5 mil estudantes, acho que 1/3 do que tem hoje mais ou menos, então com 5 mil estudantes a gente conhecia todo mundo, a gente que convivia, que era do CA, do DCE, ficava conhecendo todo mundo e era conhecido por todo mundo, era reconhecido em todos os espaços, o pessoal parava a gente na rua pra perguntar, perguntar da greve, das coisas, do assunto que ia para a pauta do Cepe, do Colegiado, e a gente conhecia as pessoas. E a estudantada, o tipo de estudante, também era diferente, a maioria dos estudantes era de renda mais baixa. (ENTREVISTA de Glauco Régis realizada em abril de 2012 para o PMME).

Uma grande dificuldade que vemos hoje na UFV é de mobilização e ação coletiva dos estudantes da UFV. Se até a década de 1980 e 1990 aconteciam Assembleias estudantis com centenas de estudantes, como consta no relato de Cardoso: “nós éramos 5.000 estudantes e a gente conseguia fazer Assembleia com 3.000 estudantes, e tinha 1.000 estudantes na Agronomia e a gente conseguia colocar numa semana de prova 850 estudantes pra votar na nossa chapa.” (ENTREVISTA de Irene Cardoso realizada em abril de 2012 para o PMME), hoje a realidade é muito diferente. Temos muito mais estudantes nas Universidades, quase o triplo, porém é um grande desafio mobilizar 100 estudantes para qualquer atividade, como vemos nos relatos de Eduardo, que também nos alerta de uma grande dificuldade para atrair novos militantes para o ME, que a militância atual deve se atentar e desenvolver teorias a respeito, para conseguir solucionar esse problema, que é o vício de linguagem, como já comentado, e o descrédito com a política por parte de grande parte dos estudantes:

Dentre as dificuldades eu acho que a maior delas foi a de mobilizar os estudantes e trazer o debate, que é o debate da política, pra dentro da sala de aula, pra dentro dos espaços comuns da Universidade, então eu acho que é a maior dificuldade até hoje. O ME tem uma série de formas de organização, vícios de linguagem, que muitas vezes são entendidas pelos estudantes como “ah isso é política, política eu não quero. Eu não vim aqui pra fazer política, eu vim aqui pra estudar”. Por isso hoje está cada vez mais difícil de mobilizar esses estudantes (ENTREVISTA de Eduardo Guatemozin realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

Essa repulsa por política por parte de alguns estudantes se dá por uma relação complexa de fatores, dentre eles, a herança deixada pela Ditadura Civil-Militar, o assassinato de muitos

militantes do ME, o descenso das lutas sociais e defensiva do socialismo, a ofensiva do capitalismo em sua versão neoliberal, e sua influência ideológica, e consequente oposição e negação à solidariedade, à coletividade, e à cooperação que entrou com força também nas Universidades. As entidades estudantis passaram a enfrentar cada vez mais dificuldades para atrair o conjunto de estudantes para os espaços de organização e formação do Movimento, e nem os professores parecem querer ajudar muito.

O perfil dos estudantes também mudou. É Eduardo Guatemozin que nos conta: "hoje em dia é muito difícil mobilizar os estudantes que entram na Universidade. Cada vez mais individualistas, muitos estudantes entram nas Universidades pensando no mercado de trabalho, ou já inseridos nele, e acreditam que não precisam se envolver com o ME, seja porque é 'tempo perdido', ou 'já tem quem faça por mim', ou 'tem coisa mais importante pra fazer' (ENTREVISTA realizada em novembro de 2012 para o PMME). Vemos que o ME precisa, portanto, ser mais atrativo para os estudantes se interessarem e participarem.

Rafael Machado também nos mostra que alguns estudantes atualmente percebem como importante o maior acesso de jovens e do povo no Ensino Superior através da reestruturação das Universidades, porém, precisando de mais verba para a consolidação desses Programas, de modo a possibilitar que a Universidade garanta a qualidade de Ensino e condições dignas para essas pessoas estudarem:

A gente hoje está num contexto de progresso do Movimento educacional, aonde as classes mais carentes e debilitadas estão conseguindo acessar as Universidades Públicas, estamos num processo de reestruturação das Universidades, que começaram como Projeto de Reuni no Governo Lula. Hoje em dia o ME encampa a bandeira da consolidação do Reuni, da ampliação, contratação de professores, num Projeto de educação pública e de qualidade, e também com 50% dos royalties do pré-sal para a educação, e 10% do PIB. São, portanto, importantes as questões de verba e reconhecimento, muitas pessoas falam que o DCE é um antro de bicho-grilo, que no ME só tem aquelas pessoas que não querem estudar, e esquecem que a gente é maioria em projetos de extensão, boa parte está no Mestrado, na área da Educação, muitos hoje em dia atuam na política nacional, e a construir outro mundo possível (ENTREVISTA de Rafael Machado realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

Um desafio parte da noção de que o problema da Universidade brasileira não é só de financiamento. A falta de recursos explica muita coisa, mas não uma universidade preconceituosa, machista, homofóbica, racista, eurocêntrica, fechada para a comunidade ao seu redor e com uma pedagogia arcaica. Urge a necessidade da construção de uma Reforma Universitária, inclusive, o ME historicamente tem formulado sua própria proposta de Reforma Universitária, sendo o marco

inicial a Reforma de Córdoba de 1918 da Argentina, e a partir daí esse debate se espalha pelo resto do mundo.

Podemos ver também nessas ideias como a maioria dos estudantes tem um pré-conceito acerca dos militantes do ME, e ainda persiste a ideia de que os militantes não são bons alunos, mesmo não sendo. Como fato interessante é a fala de Rafael Machado que explica que atualmente a maioria dos bolsistas de extensão da UFV são ligados ao ME, até pela consciência social que têm de se aproximar e construir práticas populares, junto com o povo (ENTREVISTA de Rafael Machado realizada em Agosto de 2012 para o PMME). E muitos militantes que se formam, por terem estudado em dobro na Universidade, ou seja, tanto as matérias da academia quanto para sua formação política, o que não é pouco, seguem seus estudos ou garantem bons empregos, como os próprios entrevistados do PMME que hoje são profissionais de renome, conseguindo ainda manter a sua militância.

A ideia de “bicho-grilo” é muito forte na UFV e muitas vezes é mais inventada do que de fato real, conforme descreve Nicinha: “eu nunca fui bicho grilo, né, mas eles falavam que era.” (ENTREVISTA de Nicinha realizado em Junho de 2012 para o PMME). Essa noção é reforçada por alguns professores que mostram e disseminam certa aversão ao ME.

Mesmo assim, os problemas ainda estão aí e ainda existem estudantes dispostos a militar no ME. Porém, com poucos estudantes mobilizados, fica difícil realizar grandes atos e pressionar as Universidades e o País para a conquista de mais avanços. Por isso ultimamente o ME não tem conseguido fazer grandes mobilizações. Eduardo conta que na greve de 2012 a Assembleia que decidiu pela greve foi a maior dos últimos anos, contando com cerca de 200 estudantes. (ENTREVISTA realizada em novembro de 2012 para o PMME).

Diferente da geração que protagonizou os movimentos de 1968, quando o ME foi a principal representação política da juventude, ainda que não envolvesse a maioria da juventude brasileira, hoje os jovens constroem uma rede cada vez mais ampla e complexa de organizações.

Assim, dentro da UFV um número cada vez maior de estudantes se organizam em coletivos⁴⁵. Esses diversos movimentos organizam e mobilizam diversos estudantes, porém nem sempre constroem a rede tradicional do movimento estudantil (Centros e Diretórios Acadêmicos, Diretórios Centrais dos Estudantes, UEE's, Executivas e Federações de curso e a UNE).

O ME, portanto, embora pareça ser ainda o movimento juvenil mais organizado, ou um dos mais organizados do país, está longe de ser a única expressão organizada da diversidade da juventude brasileira. E reconhecer isso é fundamental para o diálogo com as demais organizações e

⁴⁵De diversidade sexual feminista, antiproibicionista, etc.

movimentos, e com os anseios e aspirações dos próprios estudantes, que cada vez mais extrapolam o meio universitário.

Além disso, esses novos Movimentos e organizações repelem antigos vícios do ME tradicional, como a hierarquia (presidencialismo, por exemplo), excessiva burocratização, e relação de dependência com os partidos políticos.

É um desafio a reorganização do movimento estudantil, entendendo-o como um prisma em que essas diversas identidades se convergem. É preciso produzir uma nova cultura política⁴⁶ para o movimento estudantil que atraia para as entidades do movimento estudantes que não mais a enxergam como o seu espaço de organização. Para este novo tempo há ainda muito a fazer e para isso é preciso conhecer as lições do passado para as lutas do presente.

O tipo de linguagem empregada também é motivo de estranhamento por parte dos novos militantes e mais ainda por parte de quem está de fora. Por isso especialmente os antigos membros devem se atentar e estar sempre explicando cada termo e gíria utilizada. Colocamos uma fala de Eduardo Guatemozin para ilustrar essa ideia:

Você trazer um debate que ele é cheio de vícios, você vai num Simpósio, você vai num Encontro de MS, você vai numa reunião da UNE, num Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia, ou de Florestas, se você fechar o olho em alguns momentos você acha que está no mesmo lugar, porque o ME tem uma série de vícios. (ENTREVISTA de Eduardo Guatemozin realizada em Agosto de 2012 para o PMME).

No entanto, temos que pensar também, como explica Lopes (2012, p. 03) que a repetição e a invenção não são contrastantes, mas “instâncias interconstituíntes do processo social”. Assim, a repetição faz parte do processo social do universo dos estudantes do ME, o que facilita a identidade do grupo.

⁴⁶ É um conjunto de atitudes, normas, crenças, sentimentos e valores inerentes e presentes numa sociedade, que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores. A cultura política também abrange em seu conceito todas as instituições políticas. In: Kuschnir, Karina & Carneiro, Leandro. *As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política*. Estudos históricos, 1995.

5 Considerações finais

A partir da análise do legado que o ME deixou, especialmente a partir dos materiais do Projeto Memória do Movimento Estudantil (PMME), percebemos que o Movimento, que vem atuando desde o início da década de 1920 em Viçosa, ou seja, desde a criação da UFV, protagonizou diversas atividades por melhorias na educação e na sociedade, e historicamente sempre esteve alinhado as grandes lutas que se desenrolaram no país, tendo atuado junto com o conjunto do ME em nível nacional, bem como dos demais Movimentos e Organizações preferencialmente do campo da Esquerda.

Com essa pesquisa confirmamos que o ME da UFV de fato durante a sua História esteve acompanhando os principais debates políticos e culturais da época, influenciando o ME de todo o país, tanto o tradicional como a UNE, as UEE's e os demais DCE's de outras Universidades, como os alternativos, destacando-se o Movimento Agroecológico e o Movimento Cultural, e ainda se juntando com os demais MS em momentos importantes, especialmente o MST e o MAB.

Exemplos disso são a contribuição com a União Nacional dos Estudantes (UNE), a campanha pelo "Petróleo é Nosso" e a criação da Petrobrás na década de 1950; a luta pela Reforma Universitária que começa a partir do final da década de 1950, e o período de mobilizações pelas Reformas de Base no início da década de 1960; os protestos contra a Ditadura Civil-Militar nas décadas de 1960, 1970 e 1980; as mobilizações pelas Diretas Já! E a luta pela Redemocratização do Brasil na década de 1980; os Caras-pintadas e o Fora Collor! na década de 1990, lutas mais locais, como as Campanhas pela Assistência Estudantil, pela diminuição do preço do RU, a organização dos EIV's, etc. Enfim, o ME da UFV elabora e promove diversas atividades de cunho político, acadêmico, técnico, científico, cultural, esportivo, ambiental, entre outros.

O ME defende ainda que a Universidade seja democrática em relação à gestão, acesso, construção do conhecimento, e liberdade de expressão. E popular no sentido de ter uma profunda comunicação e compromisso com a realidade concreta, com os anseios do povo, e com os movimentos sociais e populares, que seja sem muros e pratique uma Extensão Universitária com trocas de conhecimento e valorização dos saberes populares; que contribua com a Reforma Agrária, debata a democratização das comunicações e outras demandas sociais que hoje são ignoradas. Exemplos concretos disso são a criação do Cine Clube Carcará, da Bibliotequinha do DCE, do Cursinho Popular do DCE, da semana do Simpósio de Iniciação Científica - SIC, atual Simpósio de Integração Acadêmica - SIA, da Copa DCE de Futsal, e da Marcha Nico Lopes.

Vemos, portanto, que o ME trabalha para construir no seu dia-a-dia a Universidade que deseja, com a perspectiva de transformá-la em um espaço de reflexão sobre o Brasil no sentido de cumprir sua função social de intervenção na realidade com objetivo de contribuir na superação das desigualdades e demais problemas e desafios sociais. O movimento construiu uma série de lutas e atividades em prol de um conjunto de bandeiras específicas e gerais, objetivando um projeto de transformação social.

Entendemos que o ME da UFV manteve na maior parte da sua História de modo predominante um caráter emancipatório, apesar de heterogêneo, por se organizar em ações coletivas, estabelecendo reivindicações e proposições acerca dos seus direitos, de uma Universidade mais popular e democrática, e pela transformação da Sociedade, denunciando injustiças, discriminações, autoritarismos, militarismos e práticas conservadoras, o que nos leva a identificar o ME da UFV tendo destaque enquanto um movimento social progressista, ou popular, transformador isto é, que faz uma opção de classe para lutar por demandas sociais ligadas às necessidades de parcelas da população excluídas e exploradas.

Porém, reconhecemos que tanto a base quanto os militantes dos movimentos são muito diferentes entre si, com interesses e formas de agir diversos, com uma pluralidade de ideias, transcendendo inclusive as estruturas de classe, o que faz ter uma pluralidade hoje de organizações e formas de atuação.

Mas vemos que todas estas lutas e ações articuladas pelos Movimentos Sociais Populares, Sindicatos, Pastorais Sociais, Partidos Políticos de Esquerda, entre outros, foram fundamentais na luta pelo nacionalismo, contra a Ditadura Civil-Militar, e mais recentemente contra a implementação do neoliberalismo no Brasil, contribuindo ora mais ora menos para favorecer mudanças na conjuntura política e na alteração da correlação de forças brasileira, trazendo algumas vitórias, e também novos desafios aos Movimentos Sociais Populares e a Esquerda como um todo.

Vimos também segundo as entrevistas que o ME geralmente foi organizado por pessoas dedicadas, esforçadas, decididas, muito competentes, sérias, comprometidas com os desafios que estavam postos, trabalhando e aprendendo muito. Concordamos assim com Lopes (2012, p. 02) que reconhece que existem muitos saberes e ações criativas “no universo (tantas vezes ignorado) dos trânsitos discentes que se processam para além dos limites dos currículos oficiais da UFV”, e desse modo podemos falar especialmente do Porão do Centro de Vivências, da Bibliotequinha e do Bar do DCE, como locais marcantes e simbólicos, sendo pontos de encontro, de articulação e de múltiplos processos criativos entre os militantes do Movimento Estudantil da UFV.

Outro fato importante é que percebemos como a Administração da Universidade tem se posicionado em alguns momentos de forma contrária aos interesses do movimento ao longo das últimas décadas, não só na Ditadura Civil-Militar, mas em diversas outras ocasiões, fazendo também o ME ter uma postura mais de enfrentamento, denúncia e combate em relação a sua Administração. Isso nos faz supor também que o ME da UFV possui práticas de hegemonia alternativa dentro de uma Instituição reguladora que tem a hegemonia do poder.

Isso torna mais urgente a necessidade do ME da UFV atuar de forma mais conjunta, pois se é verdade que existem muitas entidades e organizações compondo a rede do ME, é também verdade que esses grupos, que como vimos nos relatos, já trabalharam de forma mais articulada, e atualmente vem se fragmentando. É preciso se criar mais experiências comuns compartilhadas e aumentar a solidariedade de classe entre esses sujeitos sociais. Claro que as críticas em relação aos outros militantes e organizações vão sempre existir e é até bom que existam, porém, é importante fazer críticas construtivas, com a intenção de contribuir para superar erros e caminhar juntos, somando forças e acúmulo para a emancipação estudantil e social.

Reconhecemos os limites da nossa pesquisa, visto que o ME da UFV já realizou inúmeras atividades, muitas das quais ainda não foram sistematizadas pelo PMME, o que torna o desafio de compreender e conhecer parte de sua História ainda atual e necessária. Esperamos, portanto, que ainda se façam muitas pesquisas, inclusive mais aprofundadas, em relação a importante atuação do Movimento Estudantil da UFV.

Não tentaremos aqui encontrar respostas e soluções para a compreensão do universo que abrange o ME, mas sim discutir sobre essa complexa temática e buscar elementos que contribuam com análises acerca do ME da UFV. Acreditamos que todas essas ideias contribuem para refletir sobre as especificidades do ME da UFV e sua dinâmica de atuação bem como mudanças ocorridas internas e externamente ao longo dos tempos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria Paula. **Memórias Estudantis – Da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

BARBOSA, Carla Silva. **Movimento Estudantil e Produções de subjetividades Contemporâneas**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**, São Paulo, Brasiliense, 5ª edição, 1985. Coedição com a Editora Abril, São Paulo, 1985.

BOFF, Leonardo. **Alimentar nossa Mística**. Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de Formação, São Paulo: MST, n.27, p.20-46, 1998.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo Luta – Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

CUNHA, M. C. P. **Patrimônio histórico e cidadania: uma discussão necessária**. In: O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo. DPH, 1992.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Crítica: o ensino superior na República Populista**. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2007.

DALBERIO, Osvaldo. **Ensaio sobre a Identidade Humana**. Información Filosófica. Vol. IX, num 09. p. 89 – 112, 2012.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 7ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: procedimentos e possibilidades**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FUNARI, Pedro Paulo & PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **Teoria dos Movimentos Sociais – Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. 2d. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GURGEL, Roberto Mauro. **História da UNE: Depoimentos de ex-Dirigentes**. São Paulo: Livramento, 1980.
- Kuschnir, Karina & Carneiro, Leandro. **As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política**. Estudos históricos, 1995.
- LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Trad. Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.
- LIMA, Mateus da Fonseca Capssa. **Movimento Estudantil e Ditadura Civil-Militar em Santa Maria (1964-1968)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2013.
- LOPES, Eduardo Simonini, **Na "Revolução do Tambor"**, Artigo escrito para o XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Junqueira&Marin Editores, Campinas, 2012.
- _____, Eduardo Simonini, **Praticantes de mundos: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Estudos Avançados, Dossiê Manifesto Comunista. Volume 12, num. 34. São Paulo, 1998.
- MENDES Jr., Antônio. **Movimento Estudantil no Brasil**. Brasiliense: São Paulo, 1981.
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora/Unesco, 2000.
- NUNES, João Arriscado. Um Discurso sobre a Ciência 16 anos depois. IN: SANTOS, Boaventura de Souza (org). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.
- OGANAUSKAS FILHO, Vladimir. **A Racionalidade Privada no Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa**. Monografia - Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. **Política Ambígua**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: NUAP, 2010.
- PAULA, Maria de Fátima. A perda da identidade e da autonomia da universidade brasileira no contexto do neoliberalismo. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 8, n. 4, p. 53- 67, dez. 2003.
- PICCOLI, Fiorelli. **O Capital e a devastação da Amazônia**. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2006
- POERNER, Artur José. **O Poder Jovem: História da participação política dos estudantes brasileiros**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Projeto História, São Paulo, fev, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para um Novo Senso Comum: a Ciência, o Direito e a Política de Transição Paradigmática. In: **A Crítica à Razão Indolente contra o Desperdício da Experiência** (p. 47-117). São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Souza; Meneses, Maria Paula G de; Nunes, João Arriscado. Reinventar a Rmancipação Social: Para Novos Manifestos. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org). **Semear Outras Soluções – Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 21 – 101.
- SEMERARO, Giovanni. **Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do Brasil**. Revista de Sociologia e Política, no.29. Curitiba, 2007.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 1995.

SINGER, André. Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. In: Fundação Perseu Abramo e Fundação Friedrich Ebert (org.). **Classes? Que classes?:** Ciclo de Debates sobre classes sociais. São Paulo: [s.n.], 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VON SIMON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento**. 2009.

WELLER, Wivian, SANTOS, Gislene, SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da, ALVES, Adilson Francelino, KALSING, Vera Simone Schaefer. **Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo**. Sociedade e Estado. Vol.17 no.2. Brasília, 2002.

ZIENTARSKI, Clarice. **A Educação, a Escola e o seu papel na Manutenção ou Transformação Social**. UNICAMP, 2009.

OUTRAS FONTES

Entrevistas realizadas:

AZEVEDO, Maria Lourdes Andrade. **Entrevista ao PMME, em agosto de 2012**. Transcrita em novembro de 2012. Entrou na UFV no Coluni em 1980 e saiu em 1986.

CARDOSO, Irene Maria. **Entrevista ao PMME, em abril de 2012**. Transcrita em abril de 2012. Duração: Entrou na UFV no curso de agronomia em 1980 e saiu em 1984.

CORTES. Maria Oliveira. **Entrevista ao PMME, em setembro de 2012**. Transcrita em novembro de 2012, Duração: Entrou na UFV no curso de Pedagogia em 1996 e saiu em 2000.

FAGUNDES, Márcia das Graças. **Entrevista ao PMME, em junho de 2012**. Transcrita em agosto de 2012. Entrou na UFV no curso de agronomia em 1975 e saiu em 1980.

FÁVERO, Claudenir. **Entrevista ao PMME, em outubro de 2012.** Transcrita em março de 2013. Duração: Entrou na UFV no curso de agronomia em 1988 e saiu em 1992.

FERRARI, Sílvia; MEDEIROS, Jennifer; FERREIRA, Nicinha. **Entrevista ao PMME, em julho de 2013.** Transcrita em setembro de 2013.

Entram na UFV respectivamente no curso de Engenharia Florestal de 1999 a 2005; no curso de agronomia, em 1999, mudando para Pedagogia em 2002 e saiu em 2006; no curso de agronomia em 1999 e saiu em 2003.

FLORISBELO, Glauco Régis. **Entrevista ao PMME, em abril de 2012.** Transcrita em setembro de 2012. Entrou na UFV no curso de agronomia em 1990 e saiu em 1996.

GUATEMOSIN, Eduardo. **Entrevista ao PMME, em agosto de 2012.** Transcrita em novembro de 2012. Entrou na UFV no curso de agronomia em 2002 e saiu em 2008.

QUEIROZ, Valéria Vitarelli. **Entrevista ao PMME, em março de 2012.** Transcrita em Março de 2013. Entrou na UFV no curso de Economia Doméstica em 1968 e saiu em 1972.

MACHADO, Rafael. **Entrevista ao PMME, em agosto de 2012.** Transcrita em novembro de 2012. Entrou na UFV no curso de cooperativismo em 2011.

FILMES e vídeos:

Greve de 1999 na UFV

Memória do Movimento Estudantil de Silvio Tandler. Composto pelos média metragens: "O Afeto que se Encerra em Nosso Peito Juvenil" e "Ou ficar a Pátria Livre ou Morrer pelo Brasil". Ano: 2007

Disponível em:

<http://www.videotecas.armazemmemoria.com.br/Video.aspx?videoteca=Mg==&v=NDA=>

Acervo Histórico:

Consulta ao acervo do Projeto Memória do Movimento Estudantil da UFV

Sites e Arquivos na Internet Consultados:

<http://www.dcc.ufv.br/>

<http://reconquistaraune.com.br/>

<http://www.ufv.br/>

<http://www.une.org.br/>

<http://sociologiaeantropologia.blogspot.com.br/2012/06/resenha-de-o-poder-simbolico.html>

<http://poraoufv.blogspot.com.br/>

http://obixonaufv.blogspot.com.br/2009/10/nico-lopes-e-seus-80-anos-de-historia_6535.html

ANEXOS

ANEXO 1



Atos por melhoras na Educação e na Sociedade, na década de 90 e 2000 respectivamente



Teatro de sombras - CUCA 2001



Paralisação de aulas em 2004 pela diminuição do preço do RU

Fotos de alguns momentos marcantes do ME UFV: Atos por melhoras na Educação e na Sociedade na década de 1990 e 2000, Teatro de Sombras no Bar do DCE em 2001 realizado pelo Circuito Universitário de Cultura e Arte (CUCA) e paralisação de aula pela diminuição do preço do RU.

ANEXO 02

Perguntas entrevistas PMME

- Nome, profissão, quando estudou na UFV e que curso fez?
- Qual seu primeiro contato e primeira impressão do ME da UFV?
- Como se aproximou do ME da UFV e começou a participar dele?
- Aonde atuava no ME? Como se dava essa atuação?
- Quais atividades que vocês organizavam na época? Como financiavam elas?
- Fale um pouco sobre o contexto político da época.
- Quais as maiores dificuldades enfrentadas?
- Como eram as Nico Lopes?
- Como faziam formação política?
- Onde era a Sede do ME e como era o seu funcionamento?
- Como era a relação com a UNE? E com as outras Universidades?
- Você acha que o ME contribuiu com a sua formação acadêmica e pessoal? De que forma?
- Tem algum caso interessante que você gostaria de contar dessa História?
- E hoje em dia você continua militando?
- Como você vê o ME de hoje?
- Qual a importância que você vê no PMME?
- Deixe um recado para o ME da UFV.
- Tem alguma pergunta que eu não fiz e que você gostaria que eu fizesse?

ANEXO 03



NO BRASIL
DA REELEIÇÃO
NÃO HÁ TERRA
NEM VALE,
QUEM DIRÁ
EDUCAÇÃO.



Nico Lopes 97

MARCHA
NICO LOPES 2003
75 ANOS
DISCUTIR CULTURA PRA
MUDAR A ESTRUTURA
Reforma Universitária Já!
Realização DCE UFV / Gestão **ATTUDE!**

A Nico Lopes é uma atividade política, artística, cultural e essencialmente irreverente. Organizada pelo ME da UFV, acontece desde a década de 20, servindo para mostrar e denunciar os problemas e falhas que os estudantes encontram na educação e na sociedade em geral, propondo mudanças e soluções.

ANEXO 04



1^o

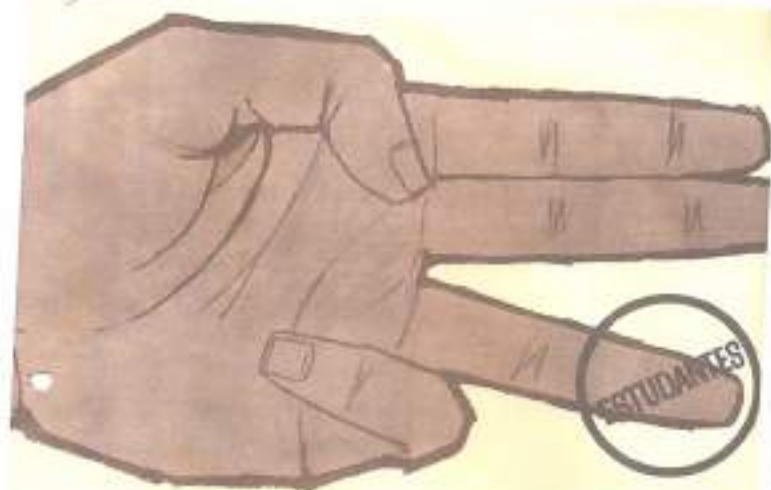
FESTIVAL
UNIVERSITARIO
DE ARTE

VIÇOSA

7 A 13 DE MAIO
UREMG - UEE

Festival de Arte na década de 1960.

ANEXO 05



**DEMOCRATIZAÇÃO
DA UNIVERSIDADE**

SÓ COM $\frac{1}{3}$

Em 1962, preparada pela UNE volante, greve
geral nacional dos/as estudantes univertários
paralisa por 3 meses quase todas as

ANEXO 06



Cartaz do DCE da UFV contra o acordo MEC-USAID.

ANEXO 07



Abertura do Congresso de Agronomia em 1984. Reparem que a terceira pessoa da esquerda para a direita é Irene Cardoso, entrevistada do PMME.

ANEXO 08

QUO VADIS ?

BOLETIM do DCE nº 02 JUNHO/91
UNIVERSIDADE EM ESTADO GRAVE. DE GREVE!
 EDITORIAL



Em resposta a este de um...
 ...
 ...
 ...

UNIVERSIDADE

Que existem erros nos serviços públicos do Brasil,
 não há dúvida!
 Que existem funcionários públicos que não trabalham com suas obrigações,
 não há dúvida!

Que existe má distribuição dos funcionários públicos em alguns setores,
 não há dúvida!

Que existe clientelismo e nepotismo em determinadas repartições públicas,
 não há dúvida!

Que nas Universidades Federais, como serviços públicos que são,
 existem vários destes defeitos,
 não há dúvida!

Portanto, há necessidade urgente de melhorar os serviços públicos,
 eliminando seus erros.
 Portanto, há necessidade urgente de melhorar as Universidades,
 eliminando seus erros.

Jornal Quo Vadis de 1991.

ANEXO 09

BOLETIM DO CURSINH

EDITORIAL

ESPAÇO EXPERIÊNCIA
 ...
 ...
ESPAÇO INFORMAÇÃO
 ...
 ...
ESPAÇO DEBATE
 ...
 ...
ESPAÇO MENSAGEM
 ...
 ...



ANEXO 10



Manifestação "expulsando" o Reitor Saraiva da UFV na greve dos estudantes em 1999.

ANEXO 11

SEMINÁRIO DE COTAS
Cotas raciais e sociais, presença ou inclusão?

DATA: 12/04/2007
HORAS: 8:00 'as 12:00
14:00 'as 18:00
Local: auditório da BBT

Esse evento promovido pelo DCE e ASAV teve o intuito de lançar o debate sobre a adesão ao sistema de cotas raciais e/ou sociais no acesso às Universidades

Esse evento foi promovido pelo DCE e pela ASAV com intuito de lançar o debate sobre a adesão ao sistema de cotas raciais e/ou sociais no acesso à Universidade.

ANEXO 12



Gazeta Universitária de 1965.

ANEXO 13



Seminário sobre a reforma agrária em 2007

2005 - MST e ME da UFV, parceiros históricos, ocupam latifúndio improdutivo fazenda Santa Helena em Visconde do Rio Branco, atualmente o assentamento Olga Benário. Cabe ressaltar que o ME da UFV foi pioneiro no debate sobre reforma agrária brasileira, realizando em conjunto com a UNE, DCEAB e UEE-MG o I Seminário Nacional de Reforma Agrária, em agosto de 1962



2008 - ocupação do latifúndio improdutivo fazenda de santiana

Banner do PMME sobre a aproximação com o MST e a pauta da Reforma Agrária.

ANEXO 14



Assembleia para decidir sobre a Ocupação da SIF em 2007

ANEXO 15



Banca do EIV com algumas bandeiras na Troca de Saberes 2011.

ANEXO 16





Avaliação do Conune 2001 e Cultural no Porão em 2003.

ANEXO 17



Campanha promovida pela Feab em 1986 e 1987 alertando do perigo dos agrotóxicos.

ANEXO 18



Espaço da Troca de Saberes 2012.

ANEXO 19



Reunião do DCE no Porão em 2006.

ANEXO 20



Assembleia no DCE Picingão

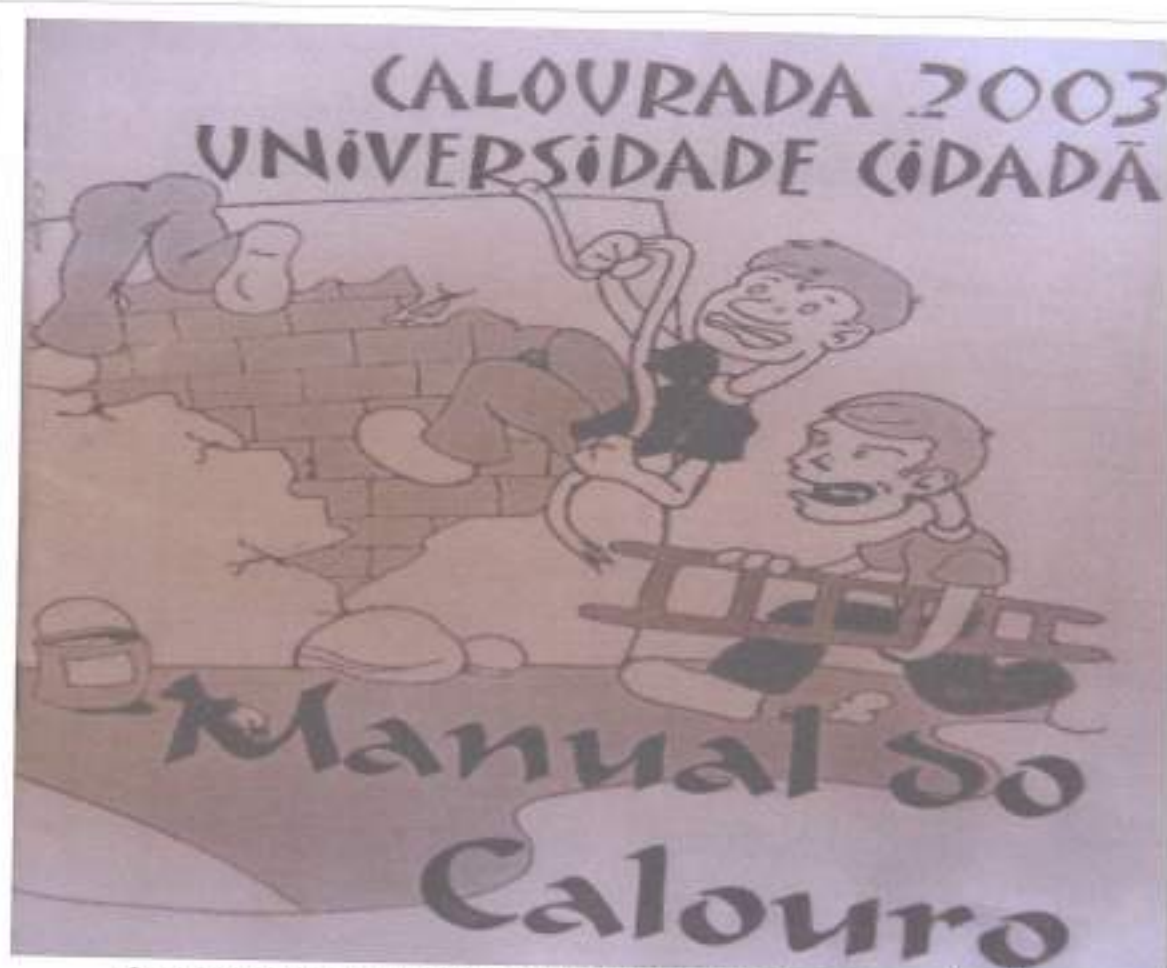
A Assembleia Geral
estudantes é o seg
espaço mais import
deliberação do Mov
Estudantil, onde to
estudantes da UFV
direito a voz e voto

ANEXO 21



Oficina de Permacultura em 2003, no Romão dos Reis.

ANEXO 22



A calourada é um dos principais eventos organizados pelo DCE e Movimento Estudantil em geral, e tem o objetivo de receber dando as boas vindas a quem está chegando na Universidade, promovendo discussões e atividades a partir de um determinado tema que contribua para uma reflexão crítica sobre essa nova realidade

Banner do PMME com imagem do Manual do Calouro de 2003 e explicação sobre a Calourada.

ANEXO 23



Concentração para ocupação do Consu em 2006.

ANEXO 24



Ato na Reitoria pela Assistência Estudantil.

ANEXO 25



Ocupação da Reitoria para que se decida pelo primeiro da lista para Reitor.

ANEXO 26





Bandeiras e blusas do Movimento no EIV em 2007.

ANEXO 27



"Nó Humano" - Dinâmica que fortalece a solidariedade do grupo

ANEXO 28



A arte do Marx no CA das Ciências Sociais na Casa das Humanas (Sede provisória dos CA's das Humanas) em 2011.